

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Mônica Hoff Gonçalves

**POR UMA PEDAGOGIA A PÉ:**  
*a caminhada como construção poética*

Porto Alegre, 2008.

Mônica Hoff Gonçalves

**POR UMA PEDAGOGIA A PÉ:**  
*a caminhada como construção poética*

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Professor Doutor Marcelo de Andrade Pereira, como requisito parcial à obtenção de grau de Especialista em Pedagogia da Arte.

Porto Alegre, 2008.

**Para a musa dos passos.**

## **Agradecimentos**

A muitos e tantos, agradeço em especial, àqueles que carinhosamente compartilharam seus passos, caminhos e olhares.

Mari, Carla, Cris, Titis, Maroni, Feris, George, Dulphe, Camila, Bruna, Adri, Germânia, Laurinha, Lorena, Gueibi, Ada, obrigada!

Ao Marcelo, meu orientador, pela pedagogia da leveza e pelas partilhas que excedem os espaços.

À Sonja, por ter me criado para a liberdade.

À Marina, pela metodologia da disponibilidade.

Ao Luís, pela pedagogia dos dias.

E, por fim, ao Jorge, por toda poesia.

***É a execução do poema que é o poema.***

Paul Valéry

## RESUMO

**Por uma pedagogia a pé: a caminhada como construção poética.** Esta pesquisa investiga o ato de caminhar como (uma forma de) construção poética, entendendo-o não como um meio para se chegar a algum lugar, mas como uma ação com fim em si mesma. Como ferramenta de atravessamento - do caminhante para com o caminhado e do caminhado para com quem o caminha. Para isso, parte das discussões geradas por Walter Benjamin, Michel de Certeau e Jan Masschelein acerca da caminhada como prática poética e possibilidade pedagógica. A presente pesquisa tem como objetivo, assim, aprofundar o entendimento da caminhada como atravessamento poético pedagógico a partir da realização de uma série de experiências ambulatórias compartilhadas e de um panorama histórico do caminhar - desde a “construção” do ser caminhante (tendo como base as idéias de Paola Jacques Berenstein e Roberto Muggiati), passando pelo surgimento das cidades (Massimo Canevacci e Robert M. Pechman) até a compreensão/apropriação da caminhada como ação poética (séculos XIX e XX), destituída de objetivo geográfico e destino físico.

**Palavras-chave:** Caminhada. Partilha. Construção poética. Pedagogia ambulante.

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação (ou prefácio)</b> .....	09
<b>2. Influências ambulatórias ou marco teórico</b> .....	12
2.1 Do caminhar.....	12
2.2 Por uma pedagogia a pé.....	16
2.3 Os mapas.....	24
<b>3. A cidade, esse <i>patchwork-in-progress</i></b> .....	27
<b>4. A caminhada como construção poética</b> .....	35
4.1 Caminhadas generalizadas: do peripatético ao contemporâneo.....	35
4.2 Iconografias ambulatórias: <i>flaneries</i> , deambulações, derivas e práticas urbanas.....	41
4.3 Caminhadas compartilhadas: método e/ou disciplina.....	49
4.4 Caminhadas contadas: um caso narrativo.....	53
<b>5. Considerações finais ou inacabamento constitutivo</b> .....	64
<b>6. Referências Bibliográficas</b> .....	66
<b>7. Apêndice</b> .....	71

**POR UMA PEDAGOGIA A PÉ:**  
*a caminhada como construção poética*

## 1. Apresentação (ou prefácio)

Não poder orientar-se em uma cidade não significa grande coisa. Mas se perder em uma cidade como quem se perde em uma floresta requer toda uma educação.

**Walter Benjamin**

Essa célebre frase de Walter Benjamin, já clichê para muitos, conhecida de tantos outros, há muito toma meus pensamentos, curiosidades e pesquisas acerca da arte. Explico. Com uma formação em Poéticas Visuais, ênfase em escultura, ou seja, em espaço (tridimensional) e com pesquisa na área de arte no espaço público, meu interesse pelas situações e processos poéticos realizados na cidade são extremamente presentes e já vêm de alguns anos. Entender a (i)lógica das cidades, sempre pareceu-me bastante interessante (e impreciso). Impreciso porque a cidade é espaço+tempo, é deslocamento. Ou como noz diz CANEVACCI (1997, p. 101) a respeito da Paris de Benjamin, é um *patchwork-in-progress*. Essa colcha de retalhos em constante transformação que não pertence a ninguém, mas que é de todos. Na qual a separação dentro/fora não acontece. Onde nem os “muros” geográficos cabem mais. Mas isso, vamos discutir mais adiante quando falarmos das experiências ambulatórias e da cidade-suporte-contexto.

Durante o curso de especialização em pedagogia da arte, e após muito debater-me a procura de um objeto de pesquisa, optei por tentar “entender” os movimentos constantes de deslocamento que realizamos na cidade, ou seja, a caminhada. Não a caminhada com vistas num resultado, num fim, mas como processo de construção poética e, também, pedagógica. Para tanto, busco, ao longo dos capítulos dessa monografia, traçar um breve panorama artístico e histórico de situações que têm como foco o ato de caminhar. É importante ressaltar que utilizo o conceito “caminhada” apoiado em pesquisas anteriores sobre processos errantes, deambulações, derivas, *flaneries*, práticas urbanas, entre outros. Em termos pedagógicos, ou no que diz respeito à educação, me aproximo dos estudos de Jan Masschelein sobre a caminhada como uma pedagogia pobre – pedagogia essa possível, senão imprescindível, no sentido de nos oportunizar experiências com o real, com o que ali está - que sabemos,

mas não vemos; ou seja, com o estado de alerta ao qual devemos nos colocar a fim de vivermos o atravessamento que o caminhar nos provoca.

Como prática dessa pesquisa, me propus viver diferentes situações de caminhada. A princípio, o objetivo era tentar realizar deambulações<sup>1</sup> diárias e noturnas, individuais e coletivas. Porém, com o passar dos meses, essa idéia foi se transformando em algo completamente diferente: achei que seria interessante convidar pessoas a me sugerirem caminhadas. Em meio a leituras e tentativas de deambulações, me percebi mais interessada em “viver” caminhadas alheias, caminhadas propostas (e/ou vividas) por outras pessoas. Diante, então, dessa nova possibilidade, iniciei meu plano de ação, elegendo as pessoas a serem convidadas e preparando o convite. Pareceu-me importante, num primeiro momento, que essas pessoas tivessem forte ligação ou com a experiência artística ou com o “praticar” a cidade. No decorrer das práticas, no entanto, fui percebendo que esse não precisava ser um pré-requisito – descoberta essa que vamos discutir mais adiante.

Munida, então, das primeiras decisões, enviei convite por e-mail, mídia essa que faz parte do meu cotidiano e que me parece sempre muito interessante e, sobretudo, porque muitas das pessoas convidadas não vivem (mais) em Porto Alegre. Foram feitos 25 convites dos quais recebi, até o momento, 16 sugestões de percursos a serem realizados. Alguns, extremamente, detalhados; outros mais conceituais, mas todos muito pessoais. Mais sobre isso, vamos ver mais adiante quando falarmos das “Caminhadas Compartilhadas”.

Enfim, essa monografia objetiva investigar o ato de caminhar como (uma forma de) construção poética, entendendo-o não como um meio para se chegar a algum lugar, mas como uma ação com fim em si mesma. Para isso, busca aprofundar o entendimento da caminhada como atravessamento poético pedagógico a partir das discussões geradas por Walter Benjamin, Michel de Certeau e Jan Masschelein e da realização de uma série de experiências ambulatórias a partir de percursos compartilhados com outras pessoas. Ao

---

<sup>1</sup> “A deambulação, palavra que contém a essência mesma da desorientação e do abandono ao inconsciente, se desenvolve por bosques, campos e pequenas aglomerações rurais.” In CARERI, Francesco. *Walkscapes: el andar como práctica estética = walking as na aesthetic practice*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002, p. 82.

mesmo tempo, a fim de conhecer e entender melhor os processos que desencadearam o ato de caminhar como poética, ela busca traçar um panorama histórico do caminhar - desde a “construção” do ser caminhante (tendo como base as idéias de Baudelaire, Paola Jacques Berenstein, Roberto Muggiati e Francesco Careri), a criação de mapas, passando pelo surgimento das cidades (Massimo Canevacci e Robert M. Pechman) até chegar a compreensão/apropriação da caminhada como ação poética (séculos XIX e XX – Dada, surrealistas, situacionistas, land art e pesquisas contemporâneas), destituída de objetivo geográfico e destino físico, culminando na experiência do narrador, ou no ato de contar as caminhadas, aludindo então à Calvino, Thoreau, Rousseau, entre tantos outros, que de forma documental ou ficcional, narraram seus deslocamentos em forma de literatura.

Meu papel é quase o de uma *cityteller* (termo que vamos conhecer melhor no primeiro capítulo dessa monografia), uma espécie de narradora da cidade, ou das experiências da cidade. A “cidade corporificada”. É isso que somos: a cidade corporificada – lhe damos forma à medida que ela nos forma. E vice-versa.

Ao longo dessas tantas páginas, o que vai se encontrar é a narração, em tom quase confessional, de um recorte muito particular das histórias do caminhar - as que li nos livros; as que conheci no campo das artes; as que arrisquei realizar. Ao longo dessa monografia, tal qual Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, escrevo como se contasse experiências ao senhor leitor. Ao longo desse texto, tal qual Walter Benjamin, em *O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, escrevo como se desse conselhos. A mim mesma.

## 2. Influências ambulatórias ou marco teórico

### 2.1 Do caminhar.

Ao andar, só ande.  
Ao sentar, só sente.  
Principalmente, não vacile.

**Mestre Ummon**

Caminhar. Trilhar. Percorrer certo trajeto. Andar a pé. Mover-se. Dirigir-se. Caminhar é, certamente, uma das ações mais vitais do ser humano. Quando nascemos, uma de nossas primeiras investidas no mundo é a tentativa de andar.



2

“No instante em que se pôs de pé - no átimo em que, numa espécie de salto primal, passou de quadrúpede a bípede, movimento que todo bebê vai reencenar em seu primeiro ano de vida - o homem começou a pensar. O *ando*, *logo penso* veio antes do cartesiano *penso, logo existo*” (MUGGIATI apud THOREAU, 2006, p. 10). Que o diga Aristóteles, filósofo grego do século IV a. C., que dava aulas andando. Na vida, na filosofia, na literatura, nas artes visuais, na antropologia e no urbanismo, o ato de caminhar é bastante freqüente e ocupa papel importante. Na literatura, autores como Thoreau, Bashô, Baudelaire, Ítalo Calvino, Dante e Goethe, assim como os Beatniks na vida e na arte, dispensaram atenção especial ao ato de caminhar, de mover-se, de deslocar-se. Alguns fazendo uso das caminhadas como fonte de inspiração para seus escritos, outros as encarando como a experiência em si, e outros

---

<sup>2</sup> Gustave Courbet (1819-1877). *Bom-dia Senhor Courbet*, 1854. Óleo sobre tela, 129 x 149 cm. Montpellier, Musée Fabre. © Museu Fabre. Photo: Frédéric Jaulmes.

ainda dispoño-as como cenário para seus personagens. No âmbito da música, temos Tchaikovsky como exemplo de artista caminhante. O músico caminhava religiosamente duas vezes ao dia, sempre no mesmo horário. Caminhar, para ele, era parte do seu trabalho. Nas artes visuais, não foi e não é diferente, sobretudo, a partir do fim do século XIX e início do XX, com o surgimento das primeiras metrópoles, passeios públicos, suas regras e peculiaridades.

Caminhar na cidade vem se tornando uma prática comum há, mais ou menos, um século – desde o levante das primeiras metrópoles. No mundo contemporâneo, é um meio bastante corriqueiro entre cidadãos e turistas, principalmente nos centros das grandes cidades. Isso se deve, entre outras coisas, à modernização das cidades ocorrida no fim do século XIX e início do século XX. Mas, também, segundo alguns autores, ao Iluminismo (século XVIII), responsável pelo nascimento de uma identidade social do passeante individual, formatada pelas metamorfoses do espaço urbano da época. Sim, o moderno (e conhecido) *flâneur*<sup>3</sup> conta com ancestrais iluministas, ou caminhantes que, passo a passo (literalmente), se formaram no século XVIII. Aliás, se formos entrar a fundo na questão, vamos notar que o homem é um ser que vive em constante movimento (deslocamento); é um ser essencialmente nômade. Nomadismo esse que na contemporaneidade parece potencializado pelas discussões acerca (do fim) da geografia, das iniciativas e revoluções tecnológicas e dos destemperos sócio-econômicos resultantes da modernidade. A modernidade de Baudelaire, Haussmann e Benjamin. A modernidade do tão enunciado *flâneur*, esse romântico passeante baudelairiano ressaltado tantas e tantas vezes por Benjamin.

Caminhar a passeio poderia ser uma prática comum nas cidades de hoje. No entanto, não é. Caminhar pela cidade é muito diferente de caminhar na cidade. Caminhar a passeio é caminhar pela. Caminhar como meio é caminhar na. Ao longo desse texto-caminhada vamos fazer muitos trajetos, traçar muitas linhas, cruzar pontes, percorrer distâncias. E, para isso, vamos nos apropriar da caminhada como sendo seu próprio fim e não como um meio para se chegar a algum lugar. Como muito bem coloca Michel de Certeau,

---

<sup>3</sup> *Flâneur* foi o termo criado pelo poeta Charles Baudelaire para descrever(-se) aquele que, no fim do século XIX e início do século XX, deambulava pela cidade moderna de forma “anônima”, como um passeante em estado de disponibilidade, sem objetivo além do livre andar, do deixar-se perder nos turbilhões da cidade moderna, do caminhar ao acaso.

“caminhar é ter falta de lugar.” (CERTEAU, 1994, p. 183) Assim, o que pretendo fazer não é uma ode ao destino, mas uma apologia da caminhada.

Benjamin é um dos autores com o qual trabalharei ao longo desse texto-caminhada, tanto por seu estudo poético sobre as cidades, como por sua pesquisa sobre “a narração”. Quando uso o termo “poético” ao me referir a Benjamin este se deve ao fato de eu compreendê-lo (a ele e seu trabalho) principalmente por seu caráter literário, ou poético, muito mais do que por seu valor filosófico. Embora, em Benjamin, estas separações pareçam não existir. Ele era um homem do seu tempo e, talvez, tenhamos consciência disso, com mais força, somente hoje. Entendo Benjamin como o filósofo-poeta da modernidade. Ou o primeiro antropólogo urbano como tão bem nos mostra Massimo Canevacci (1997, p. 106), em seu *Cidades Polifônicas*, “Benjamin é o narrador das cidades, o primeiro antropólogo espontâneo da condição urbana, (...) uma espécie de *cityteller*<sup>4</sup>”. E, provavelmente, por isso, ele nos é tão caro na contemporaneidade. Em *Rua de Mão Única*, seu “bazar filosófico”, Benjamin nos apresenta matizes e curvas de suas andanças e observâncias pela cidade; suas inferências filosóficas no sopé da rua.

Em 1776, pelo menos um século antes da modernidade de Benjamin, após encontrar as portas de uma igreja fechadas e interpretar o ocorrido como uma recusa divina ao seu chamado, Jean Jacques Rousseau, importante pensador de origem suíça, autor de *Emílio ou Da Educação*, abriu mão de sua carreira intelectual e iniciou a redação de *Devaneios do Caminhante Solitário*, sua última obra, o balanço de sua vida, que ele abre, na primeira das dez caminhadas relatadas, da seguinte forma: “Eis-me portanto, sozinho na terra” (ROUSSEAU, 1986, p. 23). “Eis-me, portanto, comigo mesmo”, ele parece nos dizer.

Ao longo das 10 caminhadas, o que encontramos é um homem querendo estudar a si mesmo, querendo aprender-se<sup>5</sup>. No início da segunda

---

<sup>4</sup> Canevacci cria, através de um trocadilho com a palavra *storyteller* (em português: narrador), um neologismo: a palavra *cityteller*, algo como cidadão, ser próprio e específico da cidade; aquele que vive, conhece e conta essa cidade. In CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997, p. 106.

<sup>5</sup> Termo usado por Marcos Villela, convidado especial da disciplina Poéticas em Pedagogia, do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, FAGED/UFRGS, no dia 13 de outubro de 2008, ao se referir à estética da professoralidade e do que chama de auto-formação.

caminhada, realizada no inverno de 1776/1777, Rousseau (1986, p. 31) fala um pouco sobre o processo:

“Tendo, portanto, formado o projeto de descrever o estado habitual de minha alma na mais estranha situação em que possa jamais encontrar-se um mortal, não vi nenhuma maneira mais simples e mais segura de executar essa empresa do que a de manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem, quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas idéias seguirem sua inclinação, sem resistência e sem embaraços.”

Parece que, mesmo a caminhada que queremos, aquela com um fim em si mesma, se lhe escapa também. Caminhar para pensar, ou mesmo para sermos atravessados, isso já não seria uma intenção, um fim? Ainda que conscientemente, muitas vezes, não saibamos qual é - e mesmo que a descoberta só se dê ao longo do percurso - algum intento sempre há, não? Mesmo que seja nada, isso já é um objetivo, correto? Muitas pessoas caminham porque precisam; outras, porque gostam. E outras, ainda, caminham para pensar. Ou, pelo menos, pensam melhor caminhando. Parece bobagem, corriqueiro, cotidiano. E é. É tudo isso e mais um pouco. Conforme dito acima, caminhar na cidade é ação cotidiana, comum. Dar-se conta do caminhar é “que são elas”. Não estamos falando do caminhar como processo, mas o caminhar como algo constitutivo. O deslocamento como parte constitutiva do destino – que pode muito bem ser alterado pelas surpresas e desejos vividos ao longo do percurso. Desde que estejamos atentos, não é mesmo?

Não estaríamos, então, nos referindo a uma pedagogia a pé?

## 2.2 Por uma pedagogia a pé

Por uma pedagogia a pé poderia ser também uma apologia da pedagogia lenta, uma pedagogia da observação, do cuidado, da atenção. Uma pedagogia que se faz ao poucos, que transita e se discute. Uma *pedagogia-in-progress*. Uma pedagogia da caminhada. Algo que vai e volta, que impõe e se impõe, ao mesmo tempo. Uma pedagogia divergente, muito mais do que convergente; que cria problemas ao invés de resolvê-los. Uma pedagogia do sujeito, talvez.

Em uma das conversas com meu orientador, ele me indicou um texto publicado recentemente no Brasil, do holandês Jan Masschelein<sup>6</sup>, chamado “*E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre*”. Munida de determinação e curiosidade, fui atrás. Iniciei minha caminhada rumo à educação do olhar.

Masschelein nos fala, num primeiro momento, do entendimento da educação do olhar como algo primordial; não como comumente é defendido, no sentido de nos ajudar a alcançar uma visão melhor, mais crítica, livre, emancipada, mas no sentido de nos abrir os olhos, de modo a nos tornarmos mais conscientes do que “realmente” (de real) acontece no mundo; a fim de nos darmos conta de como o nosso olhar segue (e, por isso, está preso a) perspectivas e enquadramentos específicos. Esse movimento parece banal, mas faz toda a diferença, como vamos ver na seqüência do presente capítulo. Passadas algumas linhas do ensaio, Masschelein (2008, p. 36) nos fala da “busca por uma perspectiva que leve em conta a perspectiva dos outros”. Isto é, educar o olhar é tornar-se desperto, estar atento, de maneira a alcançar uma melhor compreensão do mundo.

Paulo Freire, notório educador brasileiro, nos fala isso: é preciso ler o mundo, os objetos desse mundo. Leitura de mundo como desvelamento da realidade. Descobrir (com) os olhos. Ver criticamente. Ser atravessado. E atravessar também.

---

<sup>6</sup> *E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre*, de Jan Masschelein. Dossiê Cinema e Educação. Revista Educação e Realidade, v.33 n.1, Jan/Jun 2008, p. 35 a 47.

Embora, pareça nos conduzir completamente para esse lado, o educador holandês tenta um caminho diferente, uma idéia outra de educar o olhar. Não mais no sentido de *educare*, mas no sentido de *e-ducere*<sup>7</sup>, de conduzir para fora (para o atravessamento de fora). No seu entendimento, educar o olhar não significa termos uma visão crítica, liberada, mas é o próprio ato de libertação, de libertar a visão. Assim como a caminhada, abordada acima (e abaixo e por todos os lados), como sendo seu próprio fim, seu próprio objetivo e intenção. Não significa estarmos conscientes ou despertados, mas estarmos atentos.

Segundo o autor (MASSCHELEIN, 2008, p. 36), “a consciência é o estado mental (*state of mind*) que tem ou constitui um objeto/objetivo que visa o conhecimento”. A atenção, por sua vez “é o estado mental (*state of mind*) no qual o sujeito e o objeto estão em jogo”. É um estado de mente que se abre para o mundo, estado esse que não se preocupa com o conhecimento, mas com a experiência. O mundo se apresenta a mim e eu sou transformado. O autor complementa: “A atenção abre espaço para uma possível autotransformação, ou seja, um espaço de liberdade prática” (2008, p. 36). Assim, seguindo suas premissas, entendemos que educar o olhar requer uma prática crítica que seja capaz de realizar uma mudança prática em nós mesmos e no nosso presente e não uma fuga rumo a um destino pré-estabelecido, ou a um futuro melhor. Segundo Masschelein, essa prática de pesquisa não depende de um método, mas de disciplina; não requer uma metodologia rica, mas uma pedagogia pobre. Como pedagogia pobre, o autor entende as práticas que nos permitem deslocar-nos, que nos levam à rua, que nos tiram o chão nos apresentando muito chão pela frente. Chão de caminhada. De passos largos ou lentos. Chão de estrada. Chão para os pés.

Esse parece ser o movimento descrito por Robert M. Pirsig, no início de *Zen e a arte da manutenção de motocicletas*, quando relata sua preferência por motos em lugar de automóveis:

---

<sup>7</sup> O termo “educação” vem do latim *educare* (revelar a partir do interior) que, por sua vez, vem do termo *e-ducere* que significa “guiar, conduzir para fora”. Em seu significado elementar, educação é a atividade de “conduzir para fora”, conduzir de um estado a outro. Disponível em <http://www.fundacaolamf.org.br/index.php?option=content&task=view&id=53&Itemid=43> e <http://www.educacao.pro.br/modules.php?name=News&file=article&sid=17> Arquivos capturados em 10 de setembro de 2008.

(...) na motocicleta não há limites. Fica-se inteiramente em contato com a paisagem. A gente faz parte da cena, não fica mais só assistindo, e a sensação de estar presente é esmagadora. Aquele concreto zunindo a uns quinze centímetros da sola dos pés é real, é o chão onde se pisa, está bem ali, tão indistinto devido à velocidade que nem se pode fixar a vista nele; e, no entanto, para tocá-lo basta esticar o pé. A gente nunca se desliga daquilo que está acontecendo. (PIRSIG, 1984, P. 12)

Caminhar (ou mover-se) é a palavra de ordem! Ou melhor, é a palavra de ação. Para Masschelein, educar o olhar é um convite a caminhar. Assim, lembramos mais uma vez que a revolução está no caminhar e não no destino que ele nos leva. Ao lembrar Benjamin, Masschelein coloca (2008, p. 37): “esse caminhar envolve ver, abrir os olhos, ter um novo olhar, um olhar deslocado (e que desloca)”. Consiste em deslocar o olhar para que o mundo (e o presente) nos desloque, nos transforme. Não se trata de uma visão (leitura) melhor ou mais completa do mundo; na verdade, é papel do olhar (esse olhar) nos permitir uma visão além de toda a perspectiva, um olhar que transforma e que é transformado (e que, é, portanto, experiência). Conforme nos apresenta muito acertadamente Michel de Certeau (1994, p.183), caminhar é não ter lugar. Caminhar é estar em estado de suspensão. Não há certo, nem errado. Direito ou esquerdo. Bom ou ruim. As dicotomias aparecem de outra forma, seguem leis próprias, geradas por elas mesmas. Se conversam. O que é externo é também interno, e vice-versa. Ao mesmo tempo em que o homem caminha pela cidade, a cidade caminha pelo homem. E isso não é novidade. Sabemos. Para Masschelein (2008, p. 37), “caminhar significa colocar-se em jogo, significa ex-pôr-se, estar fora de posição”. Significa estar frágil, mas nunca estanque. Significa estar pronto. Para correr riscos.

Vou tentar rapidamente recuperar uma história conhecida de todos e, acredito, deturpada por todos também, que aborda exatamente o que Masschelein chama de “colocar-se em jogo”. Em *Walkscapes – El andar como prática estética*, o arquiteto italiano Francesco Careri nos apresenta de forma “mais mundana” uma história bíblica que todos conhecemos muito bem: a história de Caim e Abel. Segundo o autor (CARERI, 2002, p. 29-34) a separação entre sedentarismo e nomadismo, tem seu início nos filhos de Adão e Eva. Na divisão das funções e dos campos de atuação, Caim ficou responsável pela agricultura e Abel pelo pastoreio. Caim cuidava da terra. Abel,

das ovelhas. Caim produzia. Abel errava. A regra estava dada: um não podia invadir a área do outro. Os limites estavam postos e eram claros, mas difíceis de manter. Enquanto Caim se fixava, Abel perambulava com suas ovelhas pelos campos do irmão. Um dia Caim se revoltou (não pretendo levantar aqui questões religiosas, prefiro as mundanas) e matou Abel. Como castigo, Deus ordenou que Caim vagasse pelo mundo – assumindo assim, de certa forma, a posição antes ocupada por seu irmão. E foi assim que um simples ato, provavelmente, invejoso e infantil transformou algo útil em algo inútil. Algo bom em algo feio, ruim. Se antes, pasturar – e, assim, ser nômade, ou desapegado – não era problema, agora era castigo. E como castigo o entendemos até hoje. Basta olharmos “com atenção” para nós mesmos, nossos valores, princípios e padrões: fixar, construir, fazer é bom; mover-se, perambular, jogar, nem tanto. Somos criados para uma vida estável, para a construção no mesmo lugar. E não que isso seja um grande problema, não é. A questão é que vagar, errar, perambular, mover-se também não é. Como bem coloca Francesco Careri (2002, p. 29), “*Errare humanum est...*” Seja sentado, seja a pé.

Ao citar Benjamin acerca de suas considerações sobre a força da estrada quando a conhecemos a pé e quando a sobrevoamos, Masschelein (2008, p. 38) nos diz que o autor alemão, em sua comparação entre o caminhar e o voar não nos está dizendo que a diferença está nas inúmeras possibilidades de alterarmos o nosso ponto de vista (físico), mas na diferença da atividade em si, cada uma das ações é uma diferente forma de se relacionar com o mundo. Trata-se de uma diferença de força que a atividade tem sobre nós e sobre o que é revelado. Da mesma forma podemos entender os processos que, ao longo da história, construíram o que hoje entendemos por vida sedentária e nomadismo. Um só existe porque tem o outro no qual se espelhar e, também, se apoiar. As coisas só existem quando em relação com as outras coisas. O que faz as coisas serem boas ou feias não são as suas propriedades isoladas, mas a existência do ruim e do bonito. As vantagens não pertencem ao norte e as desvantagens, ao sul. Da mesma forma, dividir o mundo entre sul e norte também não é definitivo. É uma convenção. Um padrão. E padrões existem para serem questionados, virando novamente, mas diferente, outros padrões. Sim, mas estamos falando do caminhar, certo? E

caminhando seguiremos. Com pequenas pausas para devaneios e bazares filosóficos, bem ao gosto de Benjamin.

Voltando então...

Caminhar nos apresenta evidências (no sentido do que é presente) que vão além de toda a perspectiva. Caminhar é entregar-se as intempéries do mundo. É lidar com o nada e, por isso, com o tudo. Tem como premissa a disciplina do próprio caminhar. Caminhar pode ser poética, mas sobretudo *poiética*. Trata-se de entregar-se, de seguir uma linha arbitrária, de se deixar atravessar e comandar pelo mundo, permitindo que o olhar, tanto no sentido físico quanto como modo de compreensão<sup>8</sup>, afete e seja afetado. Afinal de contas, o olhar é o fundo do copo do ser humano (BENJAMIN, 1995, p. 49). Como bem coloca Pereira (2008, p. 170) “o campo do olho é visível; do olhar, invisível”. Eu arriscaria dizer que o campo do olho é possível, no sentido de caber em si; já o do olhar, é infinito, pois ainda que extrapole todas as possibilidades de recortes e leituras, sempre terá alguma que ainda não foi feita. E é sempre essa que buscamos.

O olhar erra, o olhar flana, o olhar se perde, o olhar procura, o olhar encontra. Nesse sentido, seria certo dizer que o olhar é matemático? Talvez. Se encararmos a matemática como prima-irmã da filosofia, sem dúvida, afinal o olhar é coisa filosófica. Não as imagens, é claro. Mas o olhar.

Benjamin sugere que caminhar, e igualmente transcrever um texto, libertam o nosso olhar, abrem os nossos olhos. Para Masschelein, abrir os olhos é ver aquilo que é evidente (aquilo que nada mais é do que o que já vemos), aquilo que está dado; é expor-se, tornar-se atento, como dito anteriormente. Assim, caminhar é uma prática que envolve estarmos atentos. Ela não nos exige nada e, ao mesmo tempo, exige tudo de nós. Ela não nos dirige a um destino específico. Cada curva do olhar é uma possibilidade de destino. Ela não nos diz aonde ir, mas nos move de maneira que nos desloquemos de onde estamos.

---

<sup>8</sup> “Por olhar entende-se tanto o ato físico de captação de imagens por um órgão igualmente físico, seja ele orgânico ou mecânico, (...) quanto um modo de compreensão, de abordagem do real, daquilo que se põe diante, sendo, por isso, um olhar, um olho coletivo. O olhar, nesse sentido, não só olha como também determina o olhado.” In PEREIRA, Marcelo de Andrade. *Transformação do olhar e compartilhamento do sentido no cinema e na educação*. Dossiê Cinema e Educação. Revista Educação e Realidade, v.33 n.1, Jan/Jun 2008, p. 170.



9

Caminhar é, ao mesmo tempo, andar por um caminho e abrir um (outro) caminho. Talvez pudéssemos dizer que caminhar, no sentido poético que lhe atribuímos, é andar por um caminho abrindo outro(s). Caminhar é uma prática de “pôr em risco sua própria formação de sujeito” (Butler apud Masschelein) através de uma relação diferente com o presente. Esse presente não é um presente passível de julgamento ou regras, sejam elas morais ou científicas. Esse presente é o presente que nos atravessa e faz correr riscos. Riscos que podem libertar. Riscos que podem nos fazer largar as mãos de Deus e percorrer os caminhos de Abel (ou mesmo do segundo Caim, o castigado).

O importante é termos em mente que “reconhece-se a deusa por seu passo.”<sup>10</sup>

### **Sobre o tornar-se atento.**

Para Masschelein, caminhar no sentido poético-pedagógico significa estar atento. E atenção é estar presente no presente. É a atenção que torna a experiência possível. Estar atento é estar com o corpo e a mente em situação de suspensão, estar alerta, com as papilas abertas e as pupilas dilatadas. É perceber como que pela primeira vez lugares já vistos. Para o autor (2008, p. 42), “atenção é a falta de intenção”. Ao falar de arte e educação, Morais (1983, p.24), no coloca que “arte e educação têm o mesmo objetivo: manter o homem em estado de alerta. Alerta como um radar. Manter o homem permanentemente maravilhado, descobrindo o mundo a cada instante. (...) Isto quer dizer que arte e educação só se realizam na vida. Assim como na arte, a compreensão da educação se dá na experiência diária e no cotidiano”.

---

<sup>9</sup> Antoni Muntadas. *Atenção*, 2002. Fundação Vera Chaves Barcellos, Porto Alegre.

<sup>10</sup> VIRGÍLIO, Eneida, I, 405

Morais (1983, p. 24) complementa: “assim como o artista, o professor deve ensinar seus alunos a verem o mundo como se fosse pela primeira vez. Arte e educação têm objetivos comuns: uma experiência sempre renovada de vida, um permanente exercício de criação e liberdade”.

Educação como prática da liberdade, nos diria Paulo Freire.

### **Por uma pedagogia pobre (?)**

A pesquisa crítica trata de e-ducar o olhar para que se torne atento. (MASSCHELEIN, 2008, p.42) Ela não requer uma metodologia rica, mas uma pedagogia pobre, como já foi dito. O que seria, então, uma pedagogia pobre? O termo cunhado por Masschelein refere-se a uma pedagogia que não vigia, não julga e não controla. Uma pedagogia que convida a caminhar, a olhar, a deixar-se atravessar pelo mundo e as coisas do mundo; olhar para encontrar, para dispor-se ao outro. O autor entende “pobre” como algo cego (que não tem destino, não tem fim, não vai a lugar nenhum). Como algo “desinteressado”. Uma pedagogia pobre seria, assim, uma pedagogia sem artifícios, uma pedagogia franca. Os trajetos (do caminhar) sugeridos pela pedagogia pobre não são modelos rígidos nem caminhos definidos, são convites à errância, à deriva, à *flanerie*, ao perder-se. Caminhar é um convite para sair. E o sujeito dessa caminhada é o sujeito da experiência. Sujeito não das certezas, mas dos desejos. Sujeito do jogo. *Homo Ludens*<sup>11</sup>. Assim, a pedagogia pobre não está preocupada com a importância da aquisição de conhecimento, mas objetiva o corte, o atravessamento, o menhir<sup>12</sup> – aquilo que verticaliza o horizontal e vice-versa. Acredito que a pedagogia pobre está para a educação, como Duchamp para a arte moderna. Se Duchamp abriu um corte no modelo moderno ao atravessá-lo com a idéia de *ready-made*, a pedagogia pobre é capaz de abrir largas janelas na educação dos nossos dias, priorizando a experiência, não o produto, nem o resultado. Ela propõe o jogo, o estado de alerta. Uma

---

<sup>11</sup> Em 1938, Johan Huizinga lançou *Homo Ludens*, no qual declarou que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve.

<sup>12</sup> A palavra *menhir* provém do dialeto bretão e significa “pedra larga”. A ereção de um *menhir* representa a primeira transformação física da paisagem de um estado natural para um estado artificial. (...) É o objeto ao mesmo tempo abstrato e vivo a partir do qual se desenvolvem posteriormente (ao neolítico) a arquitetura e a escultura. In: CARERI, Francesco. *Walkscapes: el andar como práctica estética = walking as na aesthetic practice*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002, p.53.

pedagogia do olhar que excede o próprio olhar. Talvez pudéssemos chamá-la de uma pedagogia da aventura.

## 2.3 Os mapas

É em nós que as paisagens têm paisagem.

**Fernando Pessoa**

O que são os mapas senão representações bidimensionais de espaços tridimensionais?

Muita coisa, suponho. Se na modernidade, a palavra de ordem era identidade. Na pós-modernidade, qual será? E, hoje, primeira década do terceiro milênio, o que são? Os mapas mais antigos datam de, mais ou menos, 6200 a.C. Alguns dizem que eles se encontravam na Turquia, outros dizem que o mais antigo foi confeccionado na Suméria, em uma pequena tábua de argila representando um Estado. Astecas, povos mesopotâmicos, também tinham seus mapas. No século XV, como não poderia deixar de ser, os mapas italianos eram considerados os melhores, dado ao empenho de seus artistas e cientistas renascentistas. Outro nome que lhe é atribuído é carta. Talvez daí, venha a cartografia. O termo "mapa" refere-se a um objeto de uso constante na vida do ser humano. Em termos gerais, podemos definir mapa como a representação no plano dos aspectos geográficos, naturais e artificiais.

Uma coisa é certa: mapa não foi feito para ficar parado. E, embora não se mexa, pois suas coordenadas são representações estáticas de situações dinâmicas, andam com a gente, para cima e para baixo, quando nos deslocamos. Engraçado, mapas são estáticos, mas vivem em movimento. Se tentássemos uma definição de mapa talvez viéssemos a nos perder. Muitos são os mapas. Alguns medem distâncias, outros apresentam coordenadas geográficas, ou sinalizam uma cidade, outros ainda nos ajudam a chegar à casa de um amigo. Podem ser mentais, conceituais, biográficos. Pode ser o mapa do site. Cientificamente falando, eles poderiam ser divididos em dois tipos: físicos e humanos. Eu me atreveria a dizer que também como mapas podemos eleger os diários, as listas cotidianas intermináveis, a contabilidade do mês. Podem nos mostrar a história de um lugar. Mapas são criados para marcar caminhos, trilhas para percorrer. Servem para nos levar do lugar onde estamos para o lugar onde desejamos ir. São também o registro de quem já

esteve lá, que por lá caminhou. Servem de orientação. E é justamente isso que não queremos.

Nas palavras de Masschelein (2008, p. 41) “O mapa não deve nos mostrar um único caminho – isso seria simples demais – uma cópia única não é útil porque precisamos distinguir entre o que é importante e o que não é. E, obviamente, esses mapas são elaborados a partir de um ponto de vista e são, de certa forma, produtos da nossa imaginação.” Como tudo que vivemos, sempre está em jogo uma posição, um ponto de vista, uma visão (determinada), um olhar. Sim, dançamos a dança. Muitas vezes, a nossa. Outras tantas, a de outros. Assim como cada movimento precede uma decisão, os mapas também. Trata-se daquele recorte e não desse. Estamos falando dessa rua, não daquela. O foco é essa região, não a outra. Mapas são poderosos. Armas de guerra, será?

Talvez. E, talvez, também por isso eles tenham se tornado tão populares de algum tempo para cá. Nas artes, na literatura, na geografia (o que dizer da geografia?) e na educação, é claro. Mas são organizações. Costumo dizer que sou muito desorganizada, por isso me organizo tanto. Mapas são feitos por pessoas desorganizadas. Masschelein, ao citar Lambeir (2008, p. 41) nos diz que “mapear é, na verdade, elaborar uma visão geral da paisagem (seja ela qual for), marcá-la e demarcá-la, cuidar para que ninguém se perca ou se perturbe. E fazer mapas implica manter os pés no chão, partindo de uma posição, evitando caminhos que não nos levariam a lugar nenhum”. Completamente distinto do que Benjamin observa sobre o caminhar e o perder-se. Para Masschelein, e eu sou obrigada a concordar, as idéias de Lambeir nos tornariam maus observadores, nos poria imunes frente às transformações; elas nos tornariam desatentos. Tudo o que não podemos perder quando avançamos sobre a rua.

### **Ainda sobre os mapas.**

A história individual e coletiva são inseparáveis, a rua lateja fora e dentro daquele que vai percorrê-la e mapeá-la.

**Olgária Matos**

Frederico Moraes, importante crítico e curador de arte brasileiro, em seu pequeno e simples, e, talvez por isso, arrebatador *Chorei em Bruges – crônicas*

*de amor à arte*<sup>13</sup>, de 1983, nos apresenta um pouco do caráter gerundial (no verbo e na ação) do povo mineiro. Segundo Frederico, o mineiro “ta sempre indo”. Sai ficando, fica saindo. Está sempre indo/ando/endo. Sempre em movimento.

Na crônica que dá nome ao livro, Frederico nos conta que chorou em Bruges, chorou em Amsterdam e em Barcelona. Descreve em pormenores, como foi descobrir cada uma dessas cidades recorrendo-as a pé (e com os olhos). Sim, porque acredito que temos olhos nos pés. Morais nos conta, muito delicadamente, como se emocionou ao andar pela medieval Bruges, na Bélgica, e como isso mudou completamente o seu conceito de “cidade mais perfeita do mundo”:

Caminhando pelas ruas da medieval cidade belga, eu me emocionei até as lágrimas diante daquela beleza tão tranqüila e calma ou da unidade tão harmoniosa entre casas, canais, telhados, flores e o som do carrilhão ao entardecer. Pela primeira vez, meu conceito de que Ouro Preto é a cidade mais linda e perfeita do mundo balançou. (...) aquelas caminhadas solitárias proporcionaram uma grande paz interior (MORAIS, 1983, p. 16)

De Barcelona, lhe impressionou a beleza áspera da cidade; Gaudí e Miró. Mas o que, de fato, lhe tomou (agraciando-lhe com lágrimas mais uma vez) foi um simples museu. Como se museus fossem simples. Mas, sim, um museu – o mapa por excelência, onde o mais interessante é nos perdermos, embora estejamos sempre preocupados em nos achar. Mas voltando ao museu de Frederico Morais, tratava-se de um museu de arte romântica. Que concentrava, na época, quase todo o acervo de arte romântica que, por anos, esteve espalhado por igrejas da região. Por fim, Amsterdam. Em Amsterdam, o que o tocou foi Rembrandt e Van Gogh. Ou *A noiva judia* e *Os comedores de batatas*. Amsterdam também é uma cidade que se faz a pé. Grande e pequena. Que comporta o sacro e o profano. Não sei se se chora, mas Frederico chorou.

Pergunto-me: será que o que Frederico nos apresenta também (não) se trata de um mapa? Ao descrever seu encantamento com as particularidades das três cidades ele (não) está (nos) tornando real o seu mapa? Não seriam todos os mapas, mapas biográficos?

---

<sup>13</sup> O livro foi comprado na caminhada realizada no dia 21/10/08, em São Leopoldo. Entrar em um sebo e tentar encontrar um livro interessante era uma das indicações da caminhada.

### 3. A cidade, esse *patchwork-in-progress*

Atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubrimendimultipliorgan  
iperiodiplastipublirapareciprorustisagasimplitenaveloveravivaunivoracidade

**Augusto de Campos**

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social de privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade.

**Michel de Certeau**

A cidade, tal qual a entendemos hoje – industrial; por vezes, impessoal; e, quase sempre, veloz -, é uma invenção do século XIX. Laboratório de novas formas e maneiras de pensar e mover-se, a grande cidade é a novidade do século XIX, “a imagem alegórica da modernidade” (RODRIGUES, 2008). Ela nasce em meados de 1800 e tem seu ponto máximo no início do século XX.

Até então, as cidades que conhecíamos eram as cidades medievais, as aldeias, os feudos. No século XIX, com o avanço desenfreado da industrialização e com o êxodo da área rural para a zona urbana (ainda não conceituada como tal), um forte conglomerado, uma verdadeira multidão iniciou a construção do que hoje entendemos por cidade. “Palco de ensaio do surgimento de novos personagens sociais, da gestação de uma nova sensibilidade, da elaboração de novas formas de sociabilidade, da construção de novos sistemas de saber e técnicas de poder, a cidade se apresenta como um enigma a ser decifrado” (PECHMAN, 1994, p. 4). A nova ordem urbana acabou com as velhas regras. O que funcionava há uma década já não serve para mais nada. Novos hábitos são criados, novas formas de se vestir, de comer, de (se) capitalizar. “Como, então, identificar, conhecer, classificar, representar, intervir, dominar, no meio urbano a ameaça de revolta, o perigo da peste, o indício da doença, o prenúncio da desordem?” (PECHMAN, 1994, p. 4). O que fazer com tanta gente junta? Como alocar famílias? Como gerar moradia? E, sobretudo, como garantir uma vida decente para as pessoas?

Essa é a função da “ciência” no século XIX – voltar-se para a realidade social, econômica e cultural para tentar estruturar um novo modelo de poder. Segundo PECHMAN (1994, p. 5), durante todo o século XIX muitos e diferentes olhares se voltaram para a cidade a fim de tentarem desvendar o destino da civilização. Os romancistas foram os primeiros. Em seus escritos, a cidade era tema central: era ela analisada e, também, construída. Ou seja, em suas mãos uma cidade se dava e outras se faziam. Foram eles, os literatos, os responsáveis pela construção (metafórica e por que não real - afinal de contas, o que é o real senão realidades construídas) do conceito de cidade que carregamos no bolso até hoje. Os literatos ficavam na divisa entre a representação e a apresentação: se por um lado, ao descreverem cenas de uma cidade, essas estavam *linkadas* especialmente a uma determinada localidade; por outro, ao estabelecerem essa relação é como se uma nova cidade se fizesse a partir dos predicados e observações “ficcionalis” do romancista. Sobre isso, BRESCIANI (1994, p. 28) nos diz:

Esse recurso à literatura para obtenção de dados e informações, é bastante comum (...) em todos os observadores sociais que tive a oportunidade de ler. Os textos literários, em tese menos comprometidos com a realidade, fornecem, entretanto, informações convincentes, evidências e sinais recolhidos nas observações de seus autores. Está presente nessa literatura social novecentista a preocupação pedagógica e moralizante de fornecer o “retrato da sociedade”. Não que os autores pretendem estar contando uma história verdadeira. Longe disso. Do meu ponto de vista, empenham-se em construir relatos fidedignos, porém modelares, capazes de servir como espelho e modelo para os próprios leitores. (...) Uma relação de verossimilhança une o leitor ao modelo na projeção da imagem idealizada. Esta constitui a eficácia moralizante do romance.

Se no século XIX, a cidade era palco de experimentações dos romancistas, no início do século XX ela se transformou em material de trabalho do pessoal preocupado em higienizá-la. Teorias e idéias sobre doenças, epidemias, “pestes” e outras pestes causadas pela aglomeração de pessoas e pelas péssimas condições de vida, tomaram conta da vida dos higienistas do início do século XX. Exemplo nacional disso – e qualquer semelhança com Paris não é mera coincidência - é a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país que, na primeira década do século XX, se viu às voltas com um tal senhor

Pereira Passos, engenheiro responsável por alargar ruelas transformando-as em modernas e arejadas avenidas. O processo de higienização ocorrido em Paris, e comandado por Haussman na virada do século XIX para o XX foi o modelo usado por nós tupiniquins no desmanche de cortiços, ruas, igrejas, e, principalmente, no desaparecimento do Morro do Castelo, situado à época no centro da cidade, e que abrigava o colégio e a igreja jesuítas construídos no período da chegada aos padres no Brasil. Pois é, assim, fomos perdendo história e ganhando modernidade. A machadadas e britadeiras. Embora pareça outro mundo, bem distante da velocidade cotidiana das nossas vidas contemporâneas, é pelos resquícios dessas cidades, que as caminhadas andam. Em cima de história, driblando passeios, pulando memórias. E, isso só é possível hoje, porque após literatos e higienistas o que se faz necessário nesse *patchwork-in-progress* é alguém que fale cientificamente a língua desses espaços. Essa figura é o urbanista, o cientista da cidade, da urbe. É ele que a legitima; que a certifica. Porque nós, seres humanos racionais, precisamos disso, da certificação das coisas, da certeza de que as coisas são o que são. E são os urbanistas que vão nos dar esse atestado. São eles que vão desenvolver um vocabulário próprio da cidade – os problemas urbanos são coisificados num conjunto de dados técnicos que pretendem ser a maneira mais adequada de leitura das questões urbanas (PECHMAN, 1994, p. 7). O que os urbanistas querem, segundo o autor (PECHMAN, 1994, p. 7), é a criação de um modelo. E, ao falarmos de modelo, ficamos impossibilitados de falar de cidade. Torna-se, praticamente, impossível falarmos do perder-se. Seguindo essa lógica, o urbanismo, na verdade, põe abaixo as vulnerabilidades, as confusões e o caráter orgânico da cidade. Ou como talvez colocasse Olgária Matos (MATOS, 1994, p. 45), o urbanismo - ou o cartesianismo - acabaria com a incoerência da vida; poria fim à pátria labiríntica de Benjamin.

Paola Berenstein Jacques, no artigo *Elogio aos errantes*, confirma a teoria de Pechman e classifica o urbanismo em três momentos distintos, mas que se sobrepõem: 1) a modernização das cidades (meados do século XIX até o início do XX); 2) as vanguardas modernas e o movimento moderno propriamente dito (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), dos anos 1910-20 até 1959 (final dos CIAMs); e 3) o que podemos chamar de

modernismo tardio (ou segundo modernismo), que iria do pós-guerra até os anos 1970. Sobre a modernização das cidades e o período que se inicia com as vanguardas que já falamos. Falemos, então, agora sobre o segundo modernismo, ou segunda vanguarda do século XX. Anos 60. Pós-guerra. Amor livre. Faça amor, não faça a guerra. Seja marginal, seja herói. A casa é o corpo. 1968. Internacional Situacionista (IS).

Em junho de 1958, a IS nº 1 publicou o *Formulário para um novo urbanismo*, de Gille Ivain (pseudônimo de Ivan Chtcheglov), que versava, sobre a nova orientação “urbanista” assumida pela vanguarda experimental. Nele, Ivain (JACQUES, 2003, p. 68) nos diz:

A arquitetura é o meio mais simples de articular tempo e espaço, de modular a realidade, de fazer sonhar. Não se trata apenas de articulação e de modulação plásticas, expressão fugaz da beleza. Mas de modulação influencial, que se inscreve na eterna curva dos desejos humanos e do progresso na realização desses desejos. A arquitetura de amanhã será, portanto, um meio de modificar os atuais conceitos de tempo e espaço. Será um meio para conhecer e agir.

E, ao falar sobre a juventude da época frente às novas tecnologias e relações humanas, complementa (JACQUES, 2003, p. 68):

Entre o amor e o triturador automático de lixo, a juventude de todos os países prefere o triturador. Uma reviravolta completa das mentes tornou-se indispensável, pela revelação de desejos esquecidos e pela criação de desejos totalmente novos. E por uma propaganda intensiva em favor desses desejos. Já indicamos a necessidade de construir situações como um dos desejos básicos sobre os quais se há de estabelecer a próxima civilização.

*Deriva, psicogeografia e situação* foram conceitos criados na década de 50 do século passado por um grupo de intelectuais europeus que fundaram a IS – Internacional Situacionista. A IS tinha como foco (e bandeira) a busca por novas territorialidades que pudessem “subverter” a noção de espetáculo criada, segundo os situacionistas, pelo urbanismo moderno. Os situacionistas lutavam contra a espetacularização em geral, pois a entendiam como um meio de alienação e não-participação das pessoas nos diferentes campos da vida social.



14

A IS atraiu simpatizantes e membros de vários países. Começou como um movimento ligado às artes, à filosofia e à literatura e culminou na sua participação ativa e determinante nos “acontecimentos” de Maio de 68, em Paris. Depois disso, entrou em crise e, em 1972, se dissolveu. Sobre o seu fim (ou começo) Guy Debord nos diz:

“O movimento das ocupações [Maio de 68] foi o início da revolução situacionista, mas foi só o começo, como prática da revolução e como consciência situacionista da história. É só agora que toda uma geração, internacionalmente, começou a ser situacionista.” (JACQUES, 2003, p. 18)

Por *Situação*, podemos compreender “uma unidade de comportamento temporal (...) feita de gestos contidos no cenário de um momento. Gestos que são o produto do cenário e de si mesmos. (Que) Produzem outras formas de cenário e outros gestos” (JACQUES, 2003, p. 62) A *Situação* construída, vista pela ótica dos situacionistas, é forçosamente coletiva. Mesmo que na organização de uma ou outra *Situação*, principalmente as primeiras, exista a figura de um “roteirista ou diretor”, ela jamais se dará de forma individual, pois só acontece de fato com a participação de “agentes diretos que vivam a situação”. (JACQUES, 2003, p. 63) E de figuras passivas também que participem das situações em outra instância - a de quem assiste. Instância essa que deflagra certa semelhança entre situação construída e o teatro. Porém, por mais que se assemelhe à cena teatral, a construção de situações vai além da encenação. Ela não é “meramente” a representação da coisa, mas a coisa em si. Não acontece a partir do trabalho de especialistas, mas da participação de distintos agentes.

Os situacionistas, conforme ressaltado anteriormente, eram contra a noção de espetáculo<sup>15</sup>, pois a entendiam como sinônimo de “não-participação”,

<sup>14</sup> Grupo situacionista reunido em 1967.

da não-vivência. Defendiam um novo urbanismo, centrado na experiência dos indivíduos, no que esses vivenciavam em suas incursões (ou situações) na cidade provocando, assim, a revisão de velhos conceitos e a instauração de novas possibilidades de percepção e vivência. Contrários ao urbanismo imposto pela modernidade desenfreada da primeira metade do século XX, os situacionistas questionaram ferozmente a cena que Benjamin, nos anos 30, tratou de aludir de forma tão poética.

Como já vimos, a cidade é assunto vigente na mesa do homem moderno, do pós-moderno e do contemporâneo, sobretudo. Embora muitos conceitos e paradigmas sejam quebrados de uma década para outra, algumas experiências se somam mais e mais a cada dia. É o caso da *Deriva* situacionista e da *flanerie baudelairiana*, tão enunciada e estudada por Benjamin. Nos dois momentos, o espaço urbano assume outro papel, que excede a mera ordem geográfica, passando a sugerir também aspectos simbólicos, metafóricos e poéticos. Se o *flâneur* era aquele que deambulava, à sorte das intempéries, pelas ruas da cidade, o agente das derivas era aquele que, nos anos 50 e 60, passava rapidamente por ambientes variados sem um destino certo para lhe roubar o percurso. Ambos, em momentos distintos, questionaram, ao seu modo – um, mais poético, o outro, mais político – a reforma urbanista que transformou as pequenas vilas medievais em grandes e espaçosas cidades. Hoje, metrópoles contemporâneas.

Metrópoles essas que são o objeto de estudo de Massimo Canevacci, antropólogo italiano, especialista em antropologia urbana. Seguindo o gancho das derivas e situações, no livro *A cidade polifônica*, Canevacci nos conta sobre a sua primeira visita (ou chegada) à cidade de São Paulo, em 1984. O autor começa a narração com a célebre frase de Benjamin sobre a educação do perder-se, já explicitada nesse texto-caminhada, alguns capítulos atrás. Canevacci nos conta que, habituado à sua Roma, que só pode ser conhecida de fato, se percorrida a pé, tentou fazer o mesmo ao chegar em São Paulo, errando pela cidade. Massimo descobriu que, diferente de Roma e várias outras cidades mundo a fora, São Paulo não só não poderia ser conhecida a pé como para ser conhecida de verdade, precisaria ser conhecida não apenas

---

<sup>15</sup> No sentido de espetacularização urbana. Os situacionistas eram contrários à espetacularização urbana. Valorizavam o pensamento urbano participacionista, que pregava a participação dos habitantes.

pelo seu espaço urbano, mas também (e, talvez, principalmente) pelos seus espaços privados, sua interioridade, seus atravessamentos humanos e afetivos. Massimo, ao longo da narração, diz ter descoberto rapidamente que São Paulo poderia ser conhecida “pela alternância de três ritmos de comportamento e controle espaço-temporal: *a imobilidade doméstica, a hipervelocidade noturna e a lentidão do passeio solitário*”, segundo o autor, modos de observância que se somam e se atravessam na constituição do tecido urbano (CANEVACCI, 1997, p. 14). Percebeu que, ao caminhar pela cidade, a compreendia pouco, pois São Paulo é muito grande, dona de ruas muito largas e compridas. Constatou que um tour urbano seria algo impossível “devido ao excesso de metropolitanidade da cidade (...) que se desenvolveu de tal maneira que qualquer passeio organizado se tornaria ineficaz e desprovido de sentido”. (CANEVACCI, 1997, p. 15)

Embora digam que o “Rio é uma cidade de cidades misturadas<sup>16</sup>”, a máxima parece referir-se a São Paulo, essa cidade feita da sobreposição e do atravessamento de muitas cidades, hábitos e culturas. Cada vez que vou à capital paulistana, tenho a impressão de que as ruas mudaram de lugar; tenho a nítida sensação de que a Avenida Paulista se deslocou mais uma vez, fazendo com que eu me sinta perdida. Então, recorro ao metrô e... me perco de vez. Metrôs e aviões são, para mim, tele-transportes analógicos: entramos, as portas se fecham e, em tempo real-acelerado, percorremos distâncias que não vemos, em 1h35 fazemos o trajeto POA/SP, pulando por cima de Santa Catarina e Paraná sem sentirmos o cheiro de mar ou de serra. Perder-se é difícil. Por mais que queiramos, os mecanismos e sistemas contemporâneos nos dificultam o erro, ou melhor, o errar. Mas voltando a São Paulo, “Polifônica”<sup>17</sup>, nos diz Canevacci (1997, p. 15). Próximo às idéias de Masschelein, como já vimos, e de Paola Berenstein Jacques sobre a prática urbana, Massimo Canevacci (1997, p. 15) acredita que é possível elaborar uma metodologia da comunicação urbana a partir da seguinte condição: “a de

---

<sup>16</sup> “Rio 40 graus”, música composta por Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer, gravada em 1992 por Fernanda Abreu, no disco *Sla 2 Be Sample*.

<sup>17</sup> Polifônica no sentido de a cidade ser comparada a um coro de muitas vozes que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam. In CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997, p. 17.

querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado, antes de se poder reconstruir uma nova identidade metropolitana”. Afinal, o homem é um indivíduo de indivíduos misturados, não é mesmo? E a cidade parece ser esse lugar sem-tempo (ou não-lugar) que esbarra em nós todas as manhãs e no qual tropeçamos dia após dia como se não o víssemos. Um lugar que alteramos sem perceber e que nos altera sem que saibamos. Um espaço feito de humores, cheiros e olhares. Cotidianos.

É o humor de quem olha que dá a forma à cidade de Zemrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro, porém ouve-se falar da Zemrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar a Zemrude de baixo, percorrendo todos os dias as mesmas ruas e reencontrando de manhã o mau humor do dia anterior incrustado ao pé dos muros. Cedo ou tarde chega o dia em que abaixamos o olhar para os tubos dos beirais e na o conseguimos mais distingui-los da calçada. O caso inverso não é impossível, mas é mais raro: por isso, continuamos a andar pelas ruas de Zemrude com os olhos que agora escavam até as adegas, os alicerces, os poços. (CALVINO, 1990, p. 64)

## 4. A caminhada como construção poética

Andar e pensar um pouco,  
que só sei pensar andando.  
Três passos, e minhas pernas  
já estão pensando.

Aonde vão dar esses passos?  
Acima, abaixo?  
Além? Ou acaso  
se desfazem ao mínimo vento  
sem deixar nenhum traço?

**Paulo Leminski**

### 4.1 Caminhadas generalizadas: do peripatético ao contemporâneo

Antes do neolítico e, por tanto, antes do menhir, a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente era o ato de andar, um ato que era ao mesmo tempo perceptivo e criativo e que na atualidade, constitui uma leitura e uma escritura do território.

**Francesco Careri**

Como vimos anteriormente, o ato de andar é uma das primeiras práticas do homem. Quando nascemos, antes mesmo de falarmos, nosso primeiro intento no mundo é ficarmos em pé e tropeçarmos em alguns passos. Faz bem para a saúde, permite ao sangue uma melhor circulação, ajuda a pensar (dizem muitos) e ainda nos permite boas idéias. Ao longo da história da humanidade, o ato de andar vem se revelando não só como motor de nossas atividades cotidianas e fisiológicas, mas também como atitude crítica, investigativa e poética. Da história de Caim e Abel à contemporaneidade, o ato de caminhar vem se tornando objeto de estudo e trabalho de muitos artistas, escritores, músicos e arquitetos. Como fundador do andar como método de trabalho (poético), encontramos Aristóteles, filósofo grego do século IV a.C., criador da Escola Peripatética<sup>18</sup>, ou “escola ambulante”. A Escola Peripatética, de orientação empírica, levava esse nome devido ao hábito (ou método) de

---

<sup>18</sup> Peripatético (em [grego](#), περιπατητικός) é a palavra grega para ambulante ou itinerante.

Aristóteles de dar aulas andando. Enquanto andava ao ar livre, lia e questionava seus alunos. A Escola ficou em atividade até o século IV da era cristã.

Na segunda metade do século XVII, Matsuo Bashô, ou simplesmente Bashô, ou ainda 松尾芭蕉, poeta japonês, maior mestre haikaista que se tem notícia no ocidente, iniciou uma grande jornada de cinco meses, percorridos a pé, cruzando o norte e o oeste do país, em busca apenas do errar, como um viajante solitário em busca da eternidade, do que não se pode tocar. Desta jornada de 156 dias nasceu *Sendas de Oku*, sua obra mais conhecida.

Um século depois, em meio à Revolução Industrial e aos avanços tecnológicos, Jean-Jacques Rousseau declarava: “Nunca pensei tanto, nunca existi tanto, vivi tanto, fui tanto eu mesmo, se posso ousar dizê-lo, como quando caminhava sozinho” (MUGGIATI, 2006, p. 18)

Se na época de Aristóteles, caminhar parecia uma inovação e, no período de Bashô, uma solução aos problemas e sofrimentos da alma, no século de Rousseau era uma espécie de tática de resistência, uma maneira de garantir a própria integridade, não se deixando levar pelos primeiros sinais de uma muito próxima vida moderna. Ainda no século XVIII, também embalados pela essência e pelo fundamental, no caso, da pintura, artistas impressionistas abandonaram o rigor realista, os preceitos acadêmicos e seus charmosos ateliês em direção às ruas, a fim de captar a luz e o tempo. Na literatura, o impressionismo estaria próximo do simbolismo que tem como um de seus mais caros representantes o pai da *flânerie*, Charles Baudelaire, que perambulava pela Paris do século XIX a procura de inspiração. Para ele, “a modernidade era o transitório, o fugidivo, o contingente e a metade da arte, da qual a outra metade é o eterno e o imutável.”<sup>19</sup>

No mesmo século XIX, ainda um impressionista, talvez o primeiro cubista, Paul Cézanne, importante pintor francês, tinha o costume de sair da cidade, se deslocar até as montanhas para examinar a paisagem, seu objeto de estudo. Paramentado como um expedicionário, Cézanne seguia a pé analisando luz, cenário, natureza, a fim de captá-los para suas pinturas. Já no século XX, pós primeiras vanguardas e primeiros “ismos”, em abril de 1921, em

---

<sup>19</sup> In *Baudelaire: o flâneur e seus jardins*. Rio de Janeiro: Jornal da UFRJ, Novembro 2007, p. 24.

Paris, às três da tarde de um dia de chuva forte, em frente a igreja Saint-Julien-le-Pauvre, os dadaístas deram início a uma série de incursões urbanas pelos lugares mais banais e comuns da cidade. “Se tratava de uma operação estética consciente, acompanhada de forte divulgação na mídia, folhetos e documentação fotográfica.” (CARERI, 2002. p. 68)

Três anos depois, liderados pelas idéias erráticas de André Breton, os dadaístas parisienses, já a caminho do surrealismo, organizaram uma deambulação em campo aberto pelo centro do país. Segundo CARERI (2002, p. 80), “o grupo decidiu sair de Paris de trem rumo a Blois, uma pequena cidade escolhida ao azar no mapa, e seguir a pé até Romorantin”. Foram quatro dias de caminhadas e conversas intensas que deram origem a muitos escritos, escritos estes que num futuro próximo se converteram no Manifesto Surrealista. Ainda em 1924, Louis Aragon, escritor e surrealista francês, amigo de Breton, publicou *Le Paysan de Paris*, livro que narra o avesso (ou inverso) da deambulação surrealista realizada no mesmo ano no interior do país. *Le Paysan de Paris* apresenta as maravilhas da vida cotidiana na cidade moderna, uma espécie de guia de lugares curiosos e desconhecidos da cidade. Um mapa de lugares não turísticos de Paris.

“A rua, a que se acreditava capaz de comunicar a minha vida suas surpreendentes curvas, a rua com suas inquietudes e seus olhares, era meu autêntico elemento: tomava nela como em nenhum outro lugar, o ar do eventual”. (André Breton in CARERI, 2002, p. 89)

Após as incursões Dada e as deambulações surrealistas, a palavra de ordem nos anos 60 era “deriva”. Conceito criado pela Internacional Situacionista (IS), a deriva vinha acompanhada de um outro conceito “psicogeografia”. Ambos faziam alusão à percepção da cidade. A deriva como uma nova maneira de experimentar e viver na cidade, no sentido de habitá-la e, assim, repudiar as regras impostas pela sociedade (burguesa). A psicogeografia diz respeito aos efeitos psíquicos e emocionais que a cidade provoca no indivíduo. Os mapas psicogeográficos criados pelos situacionistas era uma espécie de mapas biográficos, coletivos e/ou individuais, constituídos de lugares, sensações, desejos e jogos. Ao contrário dos surrealistas que deambulavam pelo campo, os situacionistas tinham como cenário e

preocupação política, a cidade. Eles entendiam que as cidades deveriam ser construídas por aqueles que a habitam. De certa forma, os mapas psicogeográficos permitiam isso. Senão legalmente, pelo menos, política e emocionalmente.

Na mesma década, mas do outro lado do Atlântico, uma nova agitação tomava forma, a geração beatnik, alimentada pelas experiências vividas on the road por Allen Ginsberg, William Burroughs e Jack Kerouac, escritores norte-americanos que escreviam sobre e a partir de experiências vividas na estrada.

Entre o fim da década de 60 e início da década seguinte, pós minimalismo, surge nas artes visuais, um movimento (que não é exatamente um movimento) chamado *Land art*, ou *Earth Art*. A *Land Art* é um tipo de manifestação artística em que o terreno natural (a terra) não é o espaço onde será construído o ambiente que abrigará a arte, mas é ele próprio, nu e cru ou trabalhado, o próprio objeto de arte. Um exemplo marcante da *Land Art*, e muito caro a essa pesquisa, é *A line made by walking*<sup>20</sup>, do artista inglês Richard Long, realizada na Inglaterra, em 1967, e de dimensões variadas.



21

Em novembro último, tive o prazer de assistir em Porto Alegre, a uma palestra<sup>22</sup> do artista minimalista norte-americano Richard Serra. Serra é

---

<sup>20</sup> Livre tradução: “uma linha feita caminhando”.

<sup>21</sup> Richard Long, *A line made bay walking*, 1967.

<sup>22</sup> A palestra, integrante do Projeto Fronteiras do Pensamento, foi realizada no dia 12 de novembro de 2008, no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre. Intitulada *Diálogos sobre arte e*

conhecido por realizar esculturas em escala arquitetônica tanto em espaços museográficos como fora deles, em lugares afastados dos grandes centros e, também, em locais públicos de grandes cidades – o que, normalmente lhe dá muita dor de cabeça. Ao ouvir atentamente a sua fala, tive uma feliz surpresa ao ouvi-lo dizer que o caminhar é material do seu trabalho. Em razão da grande dimensão de suas obras, o caminhar é visto por ele como material de trabalho, assim como o aço, material com o qual constrói suas esculturas. Para o artista, “o caminhar faz parte das suas esculturas”. O que me faz crer que as pessoas não são meros espectadores, mas parte integrante do trabalho. Da mesma forma, faz Lygia Clark, em sua obra *Caminhando*<sup>23</sup>, que consiste em pegar uma tira de papel, cortá-la em sua largura, torcê-la e cortá-la de maneira que se obtenha uma fita de Moebius. Em seguida, com uma tesoura, crava-se uma ponta na superfície e corta-se continuamente no sentido do comprimento. “Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita e cortar à esquerda do corte já feito. Esta noção de escolha é decisiva. O único sentido dessa experiência reside no ato de fazê-la. A obra é o seu ato”. (CLARK, 1980, p. 25-26)

O caminhar como fim em si mesmo. O caminhar como ação poética. Sem meios ou espectadores. A experiência como proposta. Como fez Flávio de Carvalho, em 1956, em sua Experiência nº 3, ao sair andando pela capital paulistana vestido com o seu Traje Tropical, o traje do homem dos trópicos. Ou como fez Hélio Oiticica, em 1978, em São Paulo, no evento *Mitos Vadios*, ao realizar o seu *Delirium Ambulatorium*, uma apologia às andanças de vadiagem.

Todas essas experiências se transformaram em referências pontuais para a novíssima geração de artistas contemporâneos. Exemplo disso é o retorno, em meados dos anos 90, às organizações, grupos e coletivos de artistas que, paulatinamente, foram retomando o campo urbano como área de atuação e experiências artísticas. Cada vez mais, ouvimos falar de coletivos

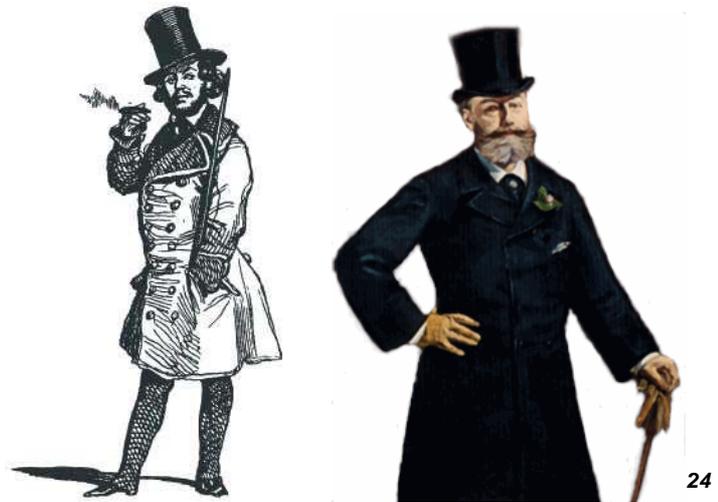
---

*contemporaneidade: o olhar do artista e do curador*, tratou-se de uma conversa entre o artista norte-americano Richard Serra e a curadora inglesa Lynne Cooke.

<sup>23</sup> “Caminhando (1964) é o nome que dei à minha última proposição. Daqui em diante atribuo uma importância absoluta ao ato imanente realizado pelo participante”. In CLARK, Lygia. *Lygia Clark. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980, p. 25.

formados por profissionais das mais diferentes áreas de conhecimento empenhados não mais em desvendar os cantos e recônditos das cidades, mas em fazer uma arte colaborativa, política e preocupada com o bem-estar da população. Uma arte que excede os muros da academia e que extrapola as leis do sistema. Se até pouco tempo atrás o sistema ditava as regras do jogo, parece que no terceiro milênio, para que ele se segure no posto, terá que dançar a dança colaborativa da novíssima geração da arte contemporânea, filhos de Lygia, Hélio, Debord e das desigualdades sociais.

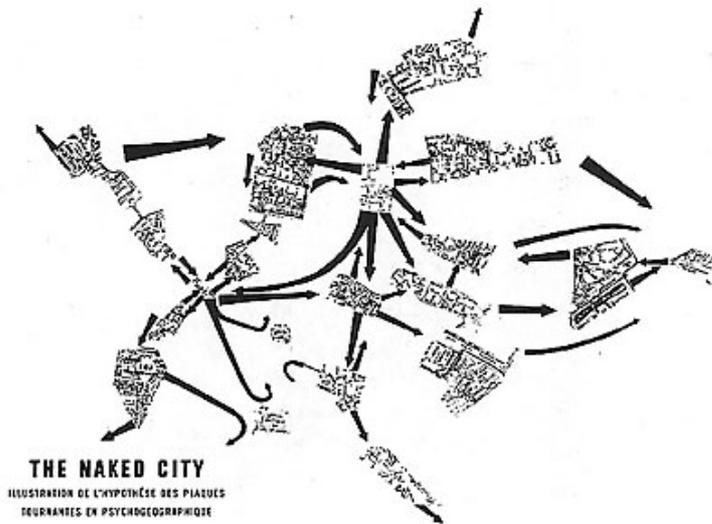
## 4.2 Iconografias ambulatórias: derivas, deambulações, práticas urbanas e *flaneries*



<sup>24</sup> Ilustrações do que poderíamos entender como o *flâneur parisiense* do início do século XX.

<sup>25</sup> Charles Baudelaire foi o grande *flâneur* do início do século XX. A cidade, para ele, era um excitante ambiente a ser descoberto.

<sup>26</sup> Experiência Nº 3, realizada por Flávio de Carvalho em 1956. O artista saiu andando pelas ruas de São Paulo vestindo o traje de verão do novo homem dos trópicos (ou New look), desenhado por ele.



27

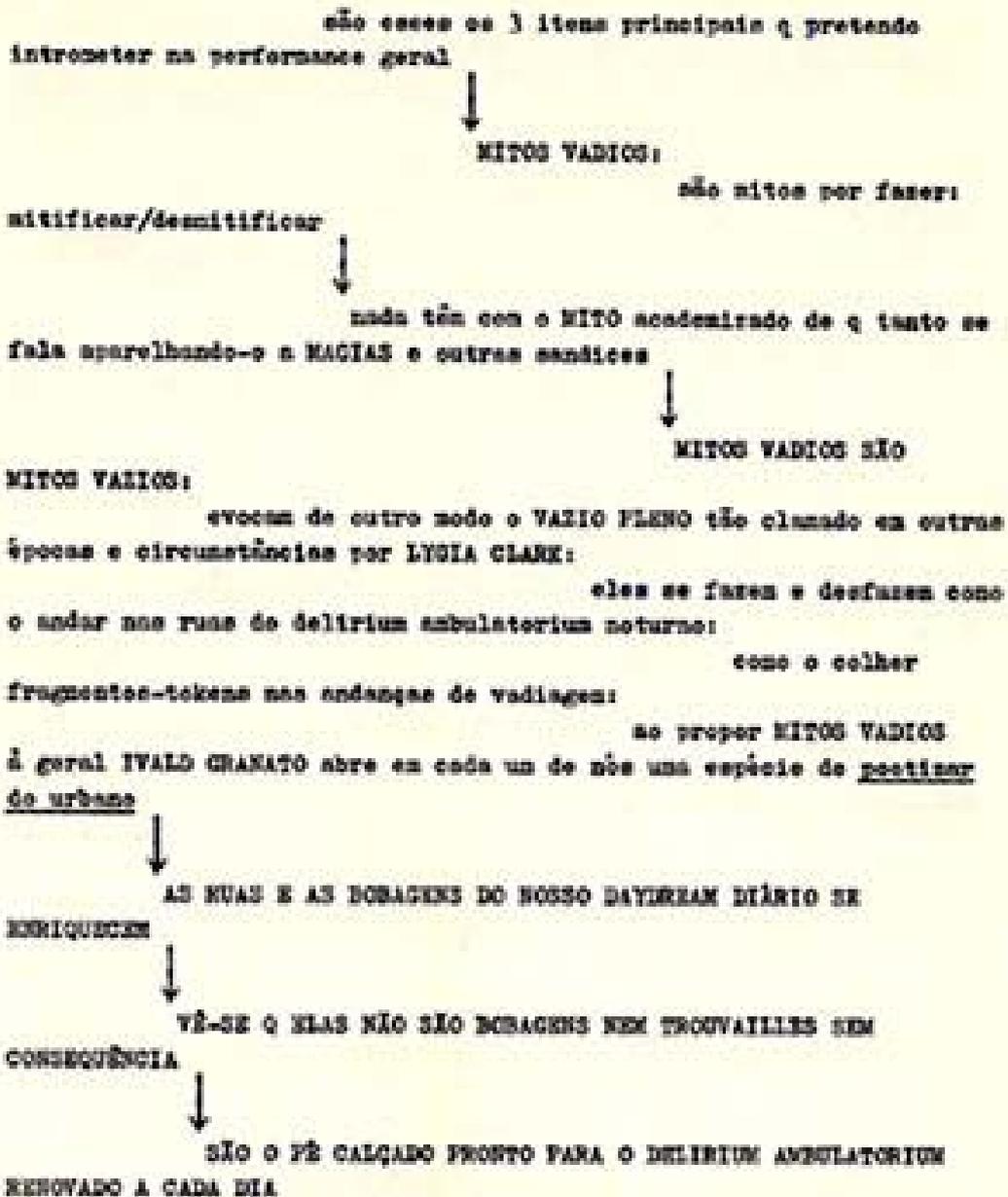


28



<sup>27</sup> *The Naked City* é um mapa psicogeográfico criado por Guy Debord, em 1957.

<sup>28</sup> Experiências de deriva e mapas psicogeográficos vividos por estudantes de arquitetura chilenos.



<sup>29</sup> Ação Delirium Ambulatorium, realizada por Hélio Oiticica, no evento Mitos Vadios, organizado por Ivald Granato, em São Paulo, num estacionamento da Rua Augusta, em 1978. Com destino ao seu deambular crítico-criativo, vestia-se com sapato prateado de salto alto, camiseta dos Rolling Stones debaixo de um blusão cor de rosa, sunga, óculos de mergulhador e peruca feminina. Na década de 60, período que viveu em Nova York, Oiticica se aproximou do pensamento situacionista, sobretudo, dos escritos críticos de Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo.



30



31

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Lygia Clark. *Caminhando*, 1963. A artista utiliza a fita de Möbius nessa experiência porque no seu entendimento “ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo”. Disponível em <http://dimensaoestetica.blogspot.com> Acesso em 29 de novembro de 2008.

Salto do bonde e, quase de olhos fechados, me dirijo ao ponto de partida. Um relógio digital marca o local e o horário do início do percurso. Centro do Rio, Avenida Rio Branco esquina com Sete de Setembro, 16:32. Na **Rio Branco**, a correria incessante de veículos e pedestres. Obras na pista indicam desvios que mais confundem que orientam, setas apontam para os lados, para cima, para baixo. Daqui não se pode ver o mar. Sei que está logo ali, mas não o vejo. Nas bancas de revistas, mapas abertos da cidade.

Pessoas vêm de todos os lados. Amontoam-se na espera por atravessar a faixa de pedestres. Quando os carros param, uma represa é aberta. Estão com pressa. Pareço estar contra a corrente. Observo e sou observado, não porque provoque alguma estranheza. As pessoas se olham, embora possivelmente esqueçam no próximo olhar o olhar que acaba de cruzar com o seu. Tento memorizar alguns rostos. Assim vou tentando me apropriar. Levo comigo um pouco do que vejo, de quem vejo. Deixo um pouco por onde sou percebido.

Sigo pela **Sete de Setembro** e desviando dos camelôs, tento abstrair o som dos despertadores com um recurso que decido não usar no resto do trajeto: conto oitenta e sete passos na diagonal. À esquerda entro na **Travessa do Ouvidor**. Os carros estão mais distantes; eu, mais distraído. Viro à direita na **Rua do Ouvidor**. Entro à esquerda na **Rua da Quitanda**. Será que ainda existe uma quitanda? Vejo bares. Garçons servem os primeiros chopos da sexta-feira. Dobrando na **Rua do Rosário**, sigo até a **Primeiro de Março**. Mudança de percurso: o acesso está interrompido. Um prédio desabou na semana passada, um hotel. Entro no **Beco das Cancelas**, estreito, dividido ao meio por uma larga canaleta. Acompanho a água que por ali escoar, e olhando para o chão chego na **Buenos Aires**. Agora sim posso alcançar a **Primeiro de Março**, onde meu olhar se volta para cima: *Correios e Telegraphos*. Retomo o caminho em direção à **Rua da Alfândega**, entro à esquerda e chegando à **Rua da Candelária**, procuro pela Igreja. Está à direita, mas meu roteiro me leva à esquerda. Desço a **Buenos Aires** novamente e retomo a **Primeiro de Março**, desta vez virando à direita. Em seguida estou em frente aos escombros do prédio que caiu. Vê-se uma escada em caracol, ou o que sobrou dela. Logo acima pende um lençol rasgado.

Mais adiante atravesso a rua e entro à esquerda na **Rua do Ouvidor**, que não se parece em nada com o trecho cheio de cartórios por onde passei lá atrás. A arquitetura colonial, com vidros por fora das janelas, está lotada de bares que seguem pela **Travessa do Comércio**, onde as mesas e cadeiras metálicas com logotipos de cervejas, ao som de irritantes *karaokês*, insistem em diminuir o encanto da viela. No final desta, o Arco do Teles. Um arco de pedra em frente à **Praça XV**.

Enquanto ando, além de imaginar qual parte do desenho no mapa estou percorrendo, penso também na forma de (d)escrever o que vejo. Como se o movimento das minhas pernas gerasse força para captar visualmente o percurso, produzindo palavras soltas que podem não ter sobrevivido até aqui.

Volto mais uma vez à **Primeiro de Março** e, contornando as barracas azuis da feira popular, passo pelo Paço Imperial. Mais à frente, a Avenida muda de nome - **Presidente Antônio Carlos**. Não entendo como uma mesma via possa ter dois nomes, com o mesmo fluxo de carros e pedestres e nenhum desvio ou outro motivo aparente.

32

<sup>32</sup> Experiência-caminhada realizada pelo artista Tiago Rivaldo, no centro do Rio de Janeiro/RJ, em 2003. In PREMONITOR. Livro de arte. Porto Alegre, 2003, p. 9.

Entro à esquerda na **Rua Marechal Agnaldo Caiado de Castro**, onde mauricinhos engravatados carregam pastas, cercados de foruns, tribunais, arquivos judiciários. Estou perdido, os nomes das ruas parecem não conferir com os do mapa. Mantenho o desenho e cito aqui ruas por onde não passei, ou pelo menos não com esses nomes. Entro na **Rua da Misericórdia** à esquerda e acompanho uma rua **sem nome** até descobrir que também não tem saída. Retorno pelo mesmo caminho à **Presidente Antônio Carlos**, visualizando os prédios de outro ângulo, o que realmente não faz diferença.

Espero para atravessar a **Presidente Antônio Carlos**. As faixas de trânsito fundem-se ao mar amarelo de táxis que avança em alta velocidade. Cruzo uma **Praça** e pela **Presidente Wilson** minha atenção se volta para as calçadas de pedras portuguesas que desenham em preto-e-branco por todas as ruas. Lembro da infância, da resistência em mudar de direção no meio do esbarra-empurra, puxado pela mão, quando o caminho por mim inventado na composição das calçadas não apresentava possibilidade de desvio. Imagino que se fosse aqui, as ameaças de “não te trago mais” não seriam só ameaças.

Passando pela ABL, entro à direita na **Rua Calógeras**, descendo em seguida, novamente à direita, a **Santa Luzia**. Quando chego mais uma vez à **Presidente Antônio Carlos**, viro à esquerda na **Aderbal Madruga**. No final desta, a **Rua da Imprensa**. Alguma coisa estranha deve acontecer numa região onde deveria estar um morro e hoje não está mais. Se o Morro do Castelo não tivesse sido eliminado, este desenho andaria por ladeiras, por favelas. O que se vê hoje são avenidas planas, chatas, que poderiam estar no centro de qualquer cidade.

**Rua Araújo Porto Alegre/Av. Graça Aranha/Av. Alm. Barroso**. Na **Rua México**, o apito do agente de trânsito me faz perceber que por vezes nada vejo. Os carros, as sirenes, e a grande quantidade de pessoas no raio de visão me permitem esquecer do roteiro, mesmo que o siga automaticamente. Não tenho nada a dizer de determinado trecho. Sei que por aqui se pode sentir o ar imperial dos grandes prédios históricos, da Biblioteca Nacional, do Museu de Belas Artes. Mas não lembro, não vi. Tudo preto. Lacuna de pensamento.

Da **Rua México** entro à esquerda na **Nilo Peçanha**, passando por uma praça lotada de camelôs circunscritos por pedestres cada vez mais apressados. O Sol já dá trégua à *chapa quente*. Pequenos pontos de luz, vermelha, amarela, das lojas, dos automóveis, invadem a paisagem. O fim do dia se aproxima e com ele o fim de semana. Nada mais esperado nesta cidade com vocação para o ócio.

Logo adiante, estou de volta à **Rio Branco**. A rua está mais suja. Pelas esquinas se misturam cheiros de churrasco, de pipoca, de milho verde. A quantidade de gente é ainda maior nas sinaleiras. Já não se vêem entregadores de volantes, nem os homens-sanduíches que compram ouro. O trânsito está engarrafado. Os motoristas, sobretudo dos ônibus, atravancados na larga avenida, estão mais impacientes. Nunca ouviram falar em “Nunca tranque o cruzamento”. Buzinam com uma frequência atordoante. Alguns encontrões depois, estou de volta à esquina da **Sete de Setembro**. Ponto de partida e de chegada. Onde o desenho se completa. O relógio digital que deu início ao percurso agora o encerra, 17:53.

Olho para trás e vejo um rastro do meu corpo, não um rastro pelo chão como pegadas, ou como uma linha de sangue. Vejo cópias do meu corpo que a cada passo foram ficando para trás, borradas, sem se desfazer, nem com o tempo nem com a distância.

33

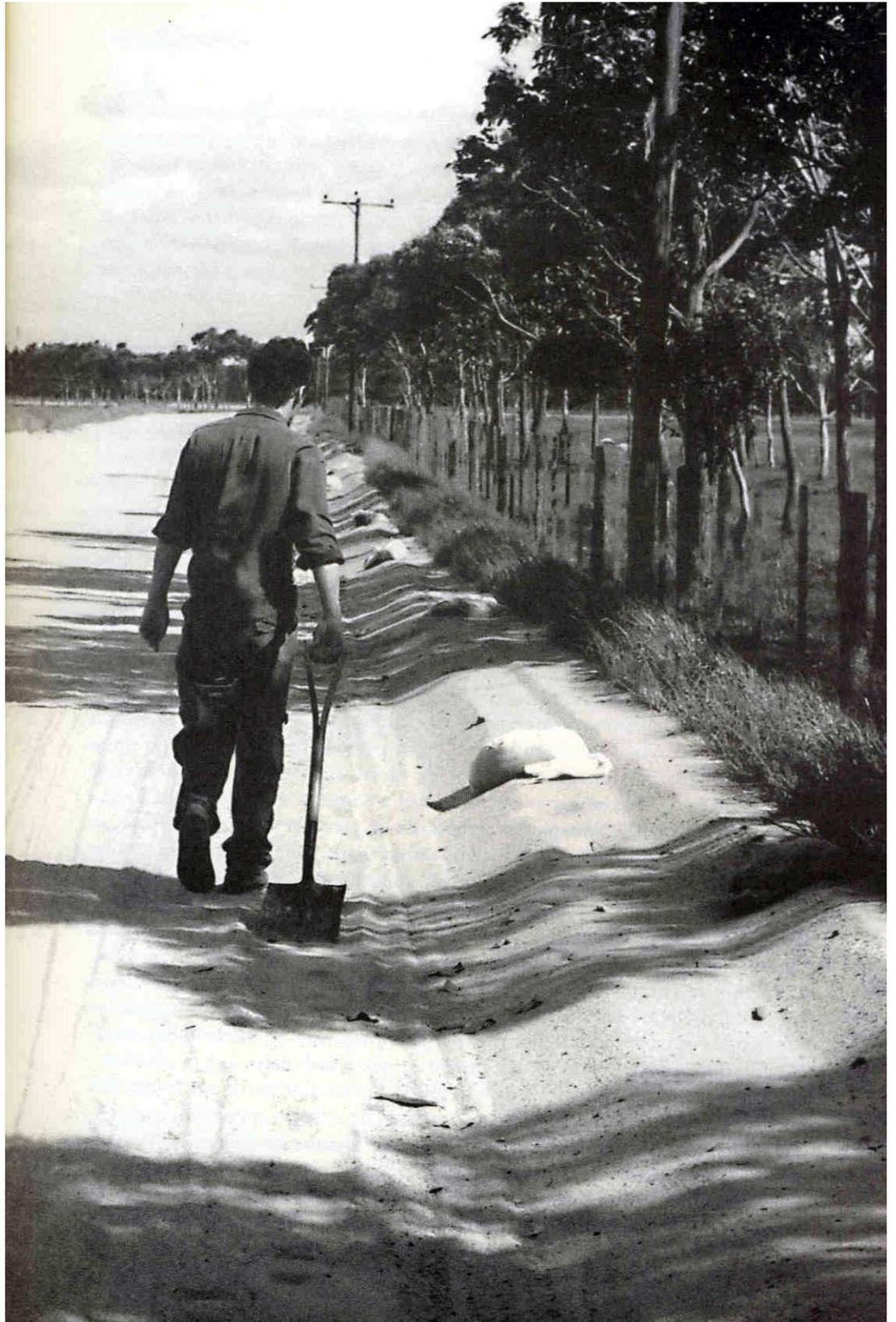
---

<sup>33</sup> *Idem*, p. 10.



34

<sup>34</sup> *Idem*, p. 11.



35

---

<sup>35</sup> Trabalho *Migração*, realizado por André Severo, entre março de 2002 e fevereiro de 2003. Localidade: São José do Norte, RS. In SEVERO, André. *Consciência errante* (Documento AREAL 5). São Paulo: Escrituras Editora, 2004, p. 33.

### 4.3 Caminhadas compartilhadas: método e/ou disciplina

#### a) O método do outro.

“Convidei algumas pessoas para que me seqüestrassem” (GUIMARAES, 2001). Assim, de forma simples e, aparentemente, sem poesia, o artista plástico mineiro Cao Guimarães<sup>36</sup> dá início à apresentação dos seqüestros que (se) planejou viver. As ações furtivas foram desencadeadas, assim como as caminhadas que vamos “percorrer” mais adiante, a partir de convite feito por Cao a outras pessoas – um convite a um contraconvite. Cao convidou amigos para que os seqüestrassem; para que o conduzissem vendado pela cidade, de modo que esta fosse percebida pelo artista sem o auxílio do sentido que lhe é mais caro, a visão. Cao, sem saber por onde e como, adentrou a cidade, munido dos outros quatros sentidos, da memória (implacável e reveladora) e de uma câmera fotográfica (GUIMARAES, 2001).



37

“Cada uma executaria o seu “seqüestro” da forma que bem entendesse. Pedi a elas que não me dessem nenhuma informação sobre os lugares para onde me levariam. Eu ficaria esperando por elas em algum lugar combinado. Ou então não combinaria nada. Quando chegassem, vendariam meus olhos e me levariam com um câmera fotográfica e alguns rolos de filme. Poderiam fazer o que quisessem comigo, contando que me deixassem fotografar tudo, sem que eu nada visse. Só tiraria minha venda dos olhos quando estivesse de volta ao lugar de onde saíra”.

<sup>36</sup> Cao Guimarães publicou os seqüestros no livro *Histórias do não-ver*, publicação de tiragem limitada, cujos dados bibliográficos podem ser consultados nas Referências Bibliográficas dessa monografia.

<sup>37</sup> Foto de Cao Guimarães em um de seus seqüestros. Fonte: *Histórias do não-ver*, publicação de tiragem limitada, cujos dados bibliográficos podem ser consultados nas Referências Bibliográficas dessa monografia.

Aproprio-me das palavras decididas e, na mesma medida, delicadas de Cao para apresentar o que chamo de Caminhadas Compartilhadas, caminhadas sugeridas por outras pessoas.

Conforme apresentado brevemente na introdução deste texto-caminhada, me propus realizar caminhadas sugeridas (já realizadas) por outras pessoas, em outros momentos. Na verdade, essa não era uma regra no início da pesquisa, mas se apresentou como característica marcante à medida que as sugestões foram chegando. Curioso dizer, e prazeroso ao mesmo tempo, mas as caminhadas compartilhadas foram, por vezes, caminhadas “regaladas”, pedaços de cada uma das pessoas que me foram dados. Assim, mais do que simplesmente ser atravessado pela cidade e suas intempéries, e da mesma forma atravessá-las, se faz presente nessa caminhada um outro tipo de atravessamento, um pré-atravessamento, que não desaparece durante o percurso, que é o atravessamento sofrido pelo outro – suponho que, de forma marcante, a ponto de ele estar disposto (ou mesmo querer) compartilhar. Mais do que atravessamentos sofridos (por mim) individualmente, esse texto-caminhada é formado por atravessamentos que têm sua origem em atravessamentos alheios. Atravessamentos esses, compartilhados.

Nos seqüestros sofridos, Cao parece ter vivido, por alguns instantes (horas, provavelmente), o que vive diariamente o artista cego, de origem eslovena, Evgen Bavcar que, em entrevista<sup>38</sup> realizada pelo Jornal da UFRGS, declarou: “Para mim, os cegos representam o único grupo que ousa olhar o sol diretamente nos olhos”. O que nos diz Bavcar é que, especial e corajoso, o cego é o único que percebe a dádiva e o risco da cegueira. E, conseqüentemente, do próprio ver. Irônico, mas sutil, Bavcar nos dá um pouco do tom de como Cao atravessa e é atravessado por esse emaranhado político, poético e pedagógico que é a cidade, ao deixar a visão em casa. Entretanto, diferente de Cao, Bavcar não nos diz como realiza seu trabalho, não nos apresenta um método. Ao contrário. Na entrevista acima citada, o artista esloveno responde sobre o seu processo de trabalho da seguinte forma:

---

<sup>38</sup> A entrevista (capturada em 29 de novembro de 2008) encontra-se disponível em <http://www.ufrgs.br/jornal/setembro2001/entrevista.html> e, infelizmente, não consta nenhum dado temporal.

“(...) A pergunta, invariável, é: como você faz as fotos? Não quero responder a isso, porque não é importante como faço as fotos, e sim por que as faço. Não se pode perguntar a um artista, ou mesmo a qualquer pessoa, como ela faz amor. Esse é um problema íntimo. Da mesma forma, como faço as fotos é um problema íntimo. Faço, sobretudo, com um equipamento fotográfico. Que não foi criado por um cego, nem por um homem que não tinha a mão esquerda, mas por uma pessoa normal”.

Perguntado como consegue ver as fotos depois de feitas, Bavcar responde de pronto: “Com as palavras dos outros”. E complementa: “Minhas fotografias só existem para mim enquanto existem para os outros. A palavra de outros olhos me conta a realidade física de minhas fotografias. Conheço somente suas realidades conceitual e espiritual, reveladas por meu terceiro olho, com o qual eu fotografo”. Tanto Bavcar como Cao dependem do outro, do olhar amigo, do olhar crítico. Ainda que em posições contrárias - um tem sua ação (percurso) definida pelo olhar alheio, o outro conhece o resultado de sua ação pela palavra do outro - ambos estabelecem uma relação (e situação) de confiança e risco. Cao relata a experiência do não-ver e conhece posteriormente, através das fotos “às cegas”, o que primeiramente não viu. Bavcar escuta do outro o resultado das fotos cegas. Acredito que as caminhadas compartilhadas reúnem um pouco dos dois. Explico. Com Cao têm em comum a perda de controle e o compartilhamento. Com Bavcar experimenta o não-ver. O não-ver no sentido do que já foi visto, mas não percebido, não agarrado. Aquilo que não existe na memória, porque ainda que já tenha sido visto, não foi apreendido. E, por isso, não existe. Desta forma, entendo as caminhadas sugeridas como formas de dar existência. Como métodos para fazer ver. Não apenas o que nos é desconhecido, mas, principalmente, o que já nos foi dado, mas que não o vimos de fato. Ou, pelo menos, da maneira como podemos ver agora. E ver amanhã. E depois. E novamente. Ver sempre como se fosse a primeira vez. E ver de novo como se fosse novo.

## **b) A disciplina minha de cada dia.**

Ao contrário do que pode parecer, as caminhadas compartilhadas não aconteceram assim de pronto. Um longo processo margeado por dúvidas e inseguranças se fez presente antes de eu arriscar realizá-las. As primeiras caminhadas, caminhadas-piloto, aconteceram sem a pretensão de serem trabalho, pesquisa ou ação poética. Tratava-se de uma observação do mundo e das coisas desse mundo. Uma observação sem objetivo maior que a própria observação. Um colocar-se em silêncio. Um parar e escutar em meio à multidão. Hoje, o entendo como um processo de aquecimento para as caminhadas compartilhadas. Fiz porque, de alguma maneira inexplicável, sabia que deveria fazê-lo, mas não compreendia muito bem o que era aquilo e porque o estava fazendo. Então, após esse período, hoje entendido como de aquecimento, um novo passo foi dado.

Por que martirizar-me em tentar viver percursos cotidianos como se fosse a primeira vez se eu poderia viver percursos de outras pessoas?

Pronto. Um passo à frente e nada mais estava no lugar. Até porque “estar no lugar” era não estar em movimento e essa não era a proposta. Decisão tomada, elaborei melhor o que queria, pensei em algumas pessoas a serem convidadas, redigi a carta e enviei. Via e-mail, pois muitas delas não vivem mais em Porto Alegre e queria muito que participassem. 25 pessoas receberam meu convite. 17 responderam. 16 percursos foram sugeridos.

Eis as caminhadas compartilhadas!

As saídas começaram, em outubro último, em meio ao recebimento de novos percursos e rodeada de leituras variadas. De poesia a urbanismo, os temas foram tomando conta dos meus dias, organizados de forma a permitirem as caminhadas.

O que eu queria com isso? Conhecer novos percursos? Outros pontos de vista? Outras pessoas? Meu objetivo era caminhar. Caminhar e caminhar. Caminhar como experiência poética. Com a expectativa de que os percursos me dessem o tom do texto. Pelo menos, a princípio. Ao longo dos meses, e dos trajetos, fui percebendo que mais do que uma pesquisa, as caminhadas foram se transformando numa disciplina. Uma disciplina semanal. Com uma única regra de minha parte: jamais fazer mais de um percurso por dia.

#### 4.4 Caminhadas contadas: um caso narrativo

O ato de ir e vir modifica o espaço.  
**Richard Serra**

“Caminhadas contadas” é o capítulo em que as caminhadas compartilhadas são de fato apresentadas. São vividas mais uma vez; são finalmente narradas. Para isso, é preciso saber de onde se fala. Se num primeiro momento, Walter Benjamin esteve bastante presente nessa monografia, agora é o bazar poético de Michel de Certeau, apresentado no livro *A Invenção do Cotidiano*, que toma forma. É a partir do seu entendimento “do ato de caminhar como espaço de enunciação” (CERTEAU, 1994, p. 177), como espaço de acontecimento, que damos início a esse capítulo.

“Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode conta-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade.” (CERTEAU, 1994, p. 176)

Práticas de espaço, práticas urbanas, deambulações, enunciações pedestres, retóricas ambulatórias – esses são alguns dos termos usados por Michel de Certeau, em sua “Invenção do Cotidiano”, para nos descrever o ato de andar (como tática de resistência) e as percepções sobre a cidade. Cidade essa que só se efetiva pela existência do pedestre, pela narrativa efêmera por ele criada todos os dias. Cidade enquanto enunciação. Aquilo que todos sabemos o que é, mas que, a cada curva do pensamento, já é outra coisa. Que nos transforma à medida que é igualmente transformada por nós. Aquilo que, diariamente, parece estar sob nossos pés e que, naturalmente, entendemos como extensão do corpo. Corpografia. Grafia do/no corpo. Corpocidade. Em estado de cidade. Durante estes últimos meses, acredito, fui construindo um “estar em estado de cidade”. Eu como sua extensão. Ela como um prolongamento meu. Perder-se na cidade não é tarefa fácil como parece. Talvez em cidades desconhecidas. Outros Países. No “estrangeiro”. Ainda assim, levo minhas dúvidas sempre comigo. E a necessidade de mapas

sempre coloca meus pés “em segurança”. Como se fosse seguro seguir mapas. Mapas para andar. Mapas para os pés. Mapas para perder. Difícil encontrar mapas para perder-se. Entretanto, não posso falar mal dos mapas, meus amigos. Esse trabalho demonstra a necessidade que tenho deles. Do contrário, por que convidar pessoas a me sugerirem percursos? Porque a dificuldade de perder-se (ou de perder-me) não é coisa de um dia para o outro. Exige disciplina, paciência e tempo bom. Partir de roteiros sugeridos, roteiros de outros foi a maneira que encontrei de me impor certa disciplina. Explico. O compromisso com o outro é uma disciplina pra mim. E viver esses caminhos alheios é viver olhares e cheiros alheios. É ter o compromisso de estar atento. É olhar de baixo, na condição de quem pratica, o que antes era visto de cima, na posição de um *voyer* (CERTEAU, 1994, p. 170-171). Se para o ato de caminhar estar em “estado de atenção” parece fundamental, no caso das caminhadas compartilhadas, essa atenção ganha em amplitude. Não falamos mais de duas vias, a do caminhante e a da cidade, mas de, pelo menos, três: a do propositor da caminhada, a do caminhante praticante e a da cidade. São três olhares que se cruzam e se atravessam. Principalmente porque as caminhadas propostas foram, em sua maioria, caminhadas vividas pelas pessoas que as sugeriram.

Quando o convite foi feito, eu tinha noção de que muitos iriam me indicar suas caminhadas, mas pensei também que muitos iriam me indicar caminhos pensados especificamente para mim. Na verdade, contar essas caminhadas é, de certa forma, recontá-las - uma vez que a maioria, são trajetos já vividos. Pergunto-me: o que percorri então? Percorri outras vidas. Às vezes, tenho a nítida impressão de que, em alguns trajetos, de meu só havia os pés. Mesmo meu olhar parecia impregnado do outro. Tal como se percorresse um trecho lido num livro, percorria a cidade que não era mais a minha cidade, mas a cidade construída por outrem. Mais do que me perder pela cidade, me perdi pelas noções de cidade que havia construído para mim - estamos mais impregnados de cidade do que imaginamos. Ela dá mais passos em nós do que se supõe. Às vezes, os passos que damos nela parecem mero exercício físico, pressa dos dias, locomoção. Ela anda em nós com mais autoridade do que nós em suas ruas, becos e avenidas.

As caminhadas compartilhadas - que me foram partilhadas e que, agora compartilho - revelaram saberes e sabores que nunca imaginei encontrar dessa forma. Caminhar é preciso, alguém já deve ter dito. “Caminhar é preciso”, é minha bandeira agora. Para dentro e para fora. E é preciso também caminhar em Buenos Aires como se estivéssemos em Porto Alegre e caminhar no céu como se andássemos em um bairro qualquer. Nosso olhar é o resultado das nossas referências + os atravessamentos que sofremos e causamos. Nosso olhar é o resultado dos nossos movimentos, sejam eles estáticos ou dinâmicos. Assim como tempo anda em nós, e envelhecemos a cada dia que passa; o espaço nos trafega, e ganhamos experiências. Compartilhar essas caminhadas foi como se tivesse andado sempre acompanhada. Era como se ao final da caminhada eu fosse encontrar com a pessoa que compartilhou aquele percurso comigo. Para um café, uma conversa, uma nova caminhada. Certeau (1994, p.176), já dizia que não é possível contar os passos, são eles unidades qualitativas - contam histórias, moldam caminhos, criam trajetos, confeccionam olhares. Assim como os olhos, muitas vezes, caminham por nós, os pés têm suas táticas próprias de ver.

E é seguindo os passos de musa (minha musa) de Michel de Certeau que adentro as próximas páginas contando, das mais diversas formas, algumas dessas caminhadas compartilhadas, realizadas no segundo semestre de 2008.

#### **a) Práticas primeiras ou caminhadas-piloto**

**Buenos Aires, 17/09/08, 12h23**

##### **Aeroporto.**

Tentativa de transporte.

Câmbio: 400 reais = 672 pesos

Táxis remis: 135 pesos (fortuna)

Bus: 45 pesos (atraso)

Ok, táxis do embarque. Vamos lá. Ok. Negocia daqui, tenta dali. Medo. Conseguí. 70 pesos hasta la recoleta, por favor. Sin los pedajes.

Cotação hoje: real brasileiro = 1,68 pesos porteños

Seguimos.

Primeiras constatações: a rodovia é larga. ele gosta de mano chão. dia de sol. céu azul claro. pela janela: paisagem: vegetação rasteira: butiá.

Segundas constatações: sem mais vegetação. de um lado, blocos. do outro, prédios descascados. Pedágio!

Terceiras constatações: ela ta furioso comigo (mas gosta de mano chao). Montiel a 200m (aqui, pouquíssimos prédios altos). outro pedágio. o taxista segue quieto/furioso comigo. Agora estoy em uma Canoas organizada. casas à direita – estranhas, bonitas. palomas. Virgen de la Medaglia. Uma bandeira argentina.

Outras constatações: BsAs é uma cidade como as outras. Ferro-velho debaixo do viaduto. Entramos na cidade.

Última tentativa: puxei conversa: pedágios. O moço é simpático. Mas já esqueci o seu nome.

Última parada: callao 1234. Gracias.

Buenos Aires é uma colcha de retalhos limpinha.

**Garibaldi, 02/10/08, 17h46**

**Cheiro de mato dos dois lados  
Rápido-veloz e  
A sós.  
Cheiro de silêncio: vida em descida  
Quem não gosta, gosta mais  
Ponte te te te te te te te te te  
Gente na estrada  
Quero voltar  
Quanto mais se desce menos se chega.**

**Porto Alegre, 14/10/08, por volta das 14h30**

### **Lotação Glória**

5 minutos. O motorista liga o rádio. Alto. Ele quer compartilhar. Ele canta. E buzina para a menina na calçada. Entramos na João Pessoa. Ele, definitivamente, está muito à vontade. 104 FM. Eu não sabia que lotação tem rádio. O negócio ta alto. A caneta não é minha. Inacreditavelmente, eu não tinha uma caneta ou um lápis na bolsa. Logo eu que escrevo às pencas. Enfim,... a caneta é da moça que está ao lado. Ela também está à vontade. Não cantarola. Mas balança o pé. A música lhe cai bem. Será que só eu, que nunca venho para a Glória, é que estou achando tudo muito *sui generis*?... Em cada sinaleira ele faz uma análise da rua. Ele está em casa. É isso. A lotação não está aqui só para me levar; hoje, ela não é mero meio de transporte, é um outro lugar. Lugar esse criado e potencializado pelo motorista a medida que ele se apropria mais e mais dela.

## **b) Caminhadas compartilhadas**

**Porto Alegre, 16/10/08, 10h20**

### **Amarelo sobre amarelo.**

Sem percurso sugerido, hoje, o negócio é seguir uma única regra. Uma regra amarela.

1. Caminhada curta na mesma rua. Atravessa a rua. Eu também. Mercearia. Eu também. Enrolo. Não compro nada. Ela sai. Eu também. Ela entra em casa.
2. Caminhada. Será? Desisto.
3. Outro amarelo. O olhar fez a curva.
4. Amarelo. Stop.
5. Passo firme. Vou. Volto para onde estava antes. Algumas quadras e o perdi para um banheiro público.
- 6.
- 7.
8. Parada de ônibus. Foi.
9. Atravessa a rua.
10. Ta com pressa. Já andei alguns quilômetros. Loja. Paro.

\*como se eu esperasse o ônibus, aguardo alguém que me leve.

Perdi o moço.

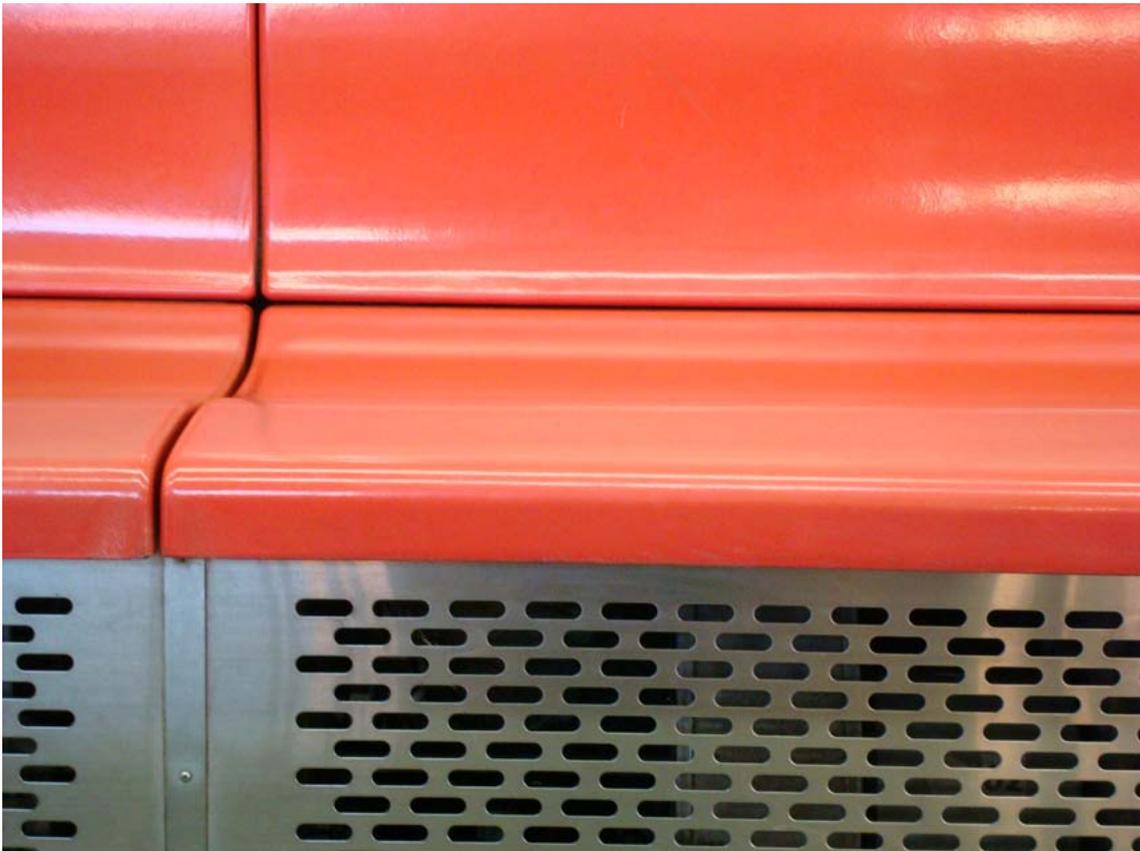
Deixei-me levar por esse som insuportável e pelo amarelo desses carros da ordem.

Pra quê isso? Somos todos civis, não? Militares ou não, somos antes civis, não? Pça da Alfândega. (aqui ninguém usa amarelo). Apenas os carteiros, os policiais e o homem que... parou ao meu lado nesse instante. Andar tem dessas coisas. "Polícia é pra ladrão. Abaixo a repressão!". "Chamamos a atenção", diz a moça. Diante de tantos fotógrafos, fico com medo de sacar a câmera. Não sei, não me sentiria confortável. Não aqui, diante de... é uma guerra. Como é fácil perder as estribeiras e, de pronto, não saber mais se está se fazendo o bem ou não, se está se agindo de maneira correta ou não. Correto pra quem, não é? É uma guerra. De quem apita mais. De quem grita. De quem se aproveita da situação em tempos de eleição e políticas duvidosas. Em que homens com megafone na mão são reis da revolta alheia. "Polícia batendo em bancário, tu já viu isso?", me pergunta a moça. Em bancário, não sei, mas em gente já vi bastante. Acho que o dia amarelo, pode ser explicado, depois de tantos apitos, como o Dia do Alerta Geral! Vira causa de todos. Dos curiosos. Dos oportunistas. De outras causas. Dos cidadãos. Tem quem faz arruaça. Tem que quer impor ordem. Foucault tem razão? Por certo que educação que se faz na rua, no trânsito, no "transitório". No conforto humano do desconforto social. Bancários e policiais usam amarelo. Uns mais, outros menos. Aqui e agora, todos usam amarelo. Se eu não puder me expor como é que vou me impor? A bem da verdade, todos usam amarelo, menos eu. Preciso de um café.

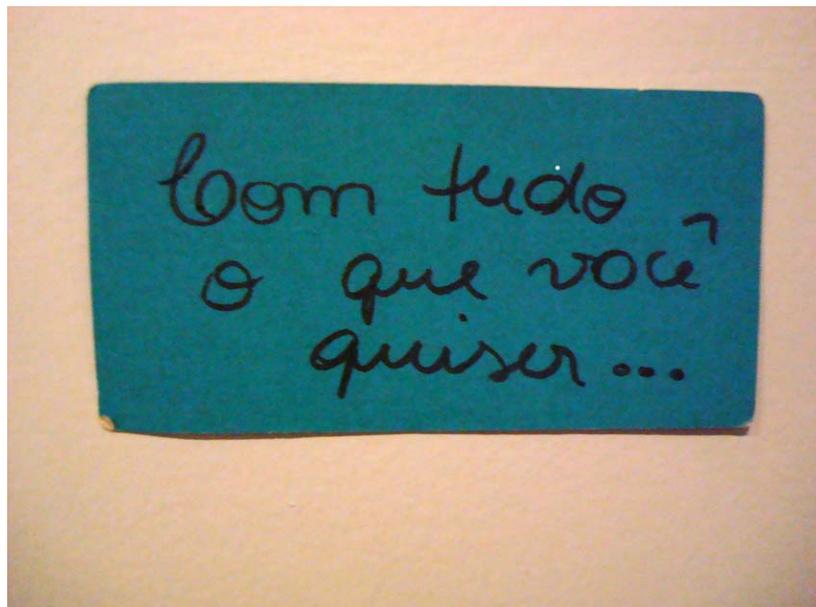
Porto Alegre, 18/10/08, depois do almoço



**Porto Alegre, 21/10/08, das 15h30 às 18h59**



Porto Alegre, 28/10/08, por volta das 21h30



**Porto Alegre, 05/11/08, 18h**



**Daqui, o céu, por hora, afunila, por hora, dilata. Às vezes, se espalha, às vezes se encolhe. Sim, ele entardece também. O céu entardece. Como nós. É como se ele deixasse cair a cortina, ele se despede. (não me contive, escrevo no percurso – quebrei a regra). Às vezes, o céu aquarela.**

.

**Parece uma aguada de nanquim.**

.

**Aqui é quando o céu não se divide; a linha do horizonte desaparece. É como se olhássemos a cidade de fora.**

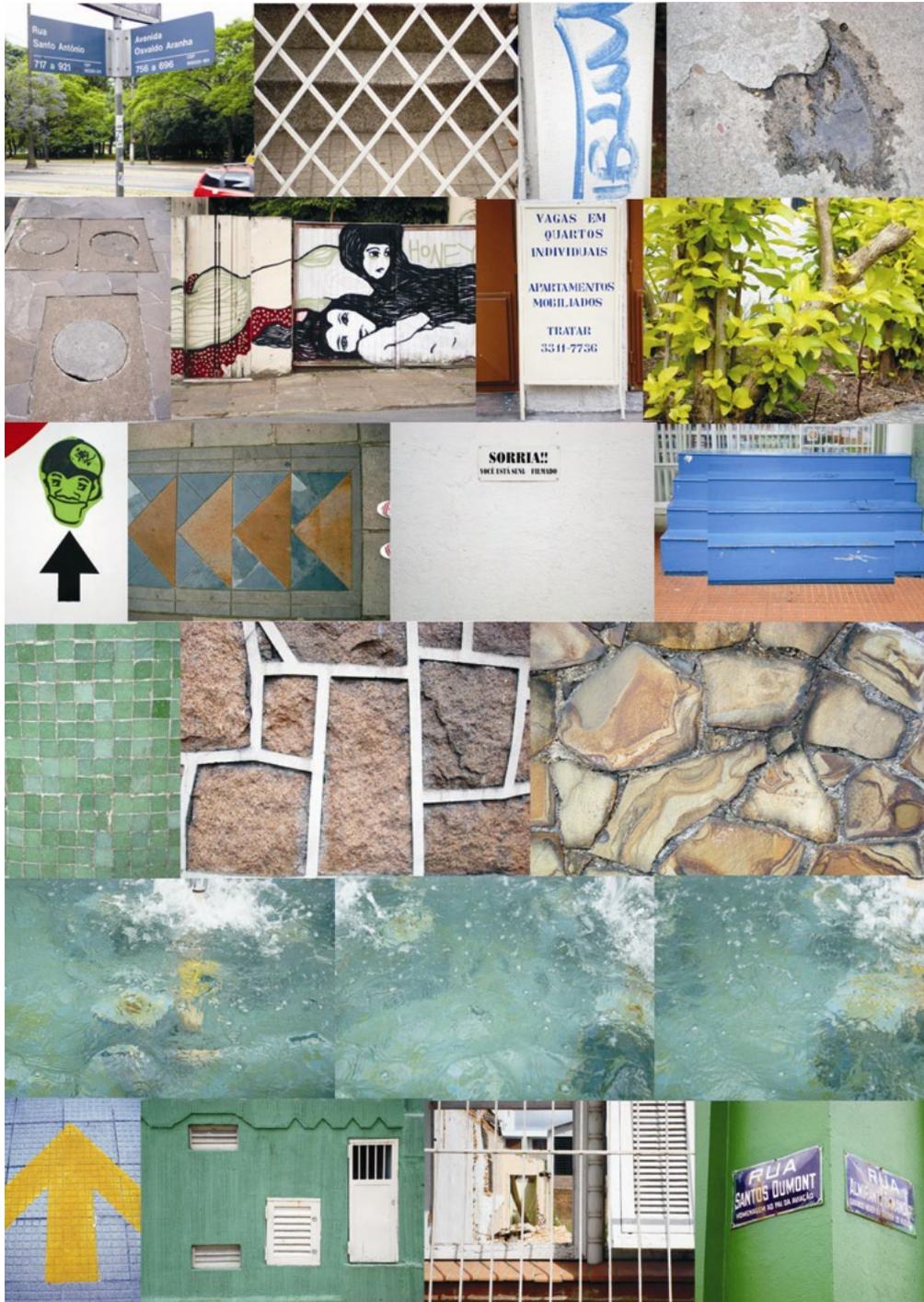
.

**Quando andamos, o céu pára. Quando paramos, ele se mexe.**

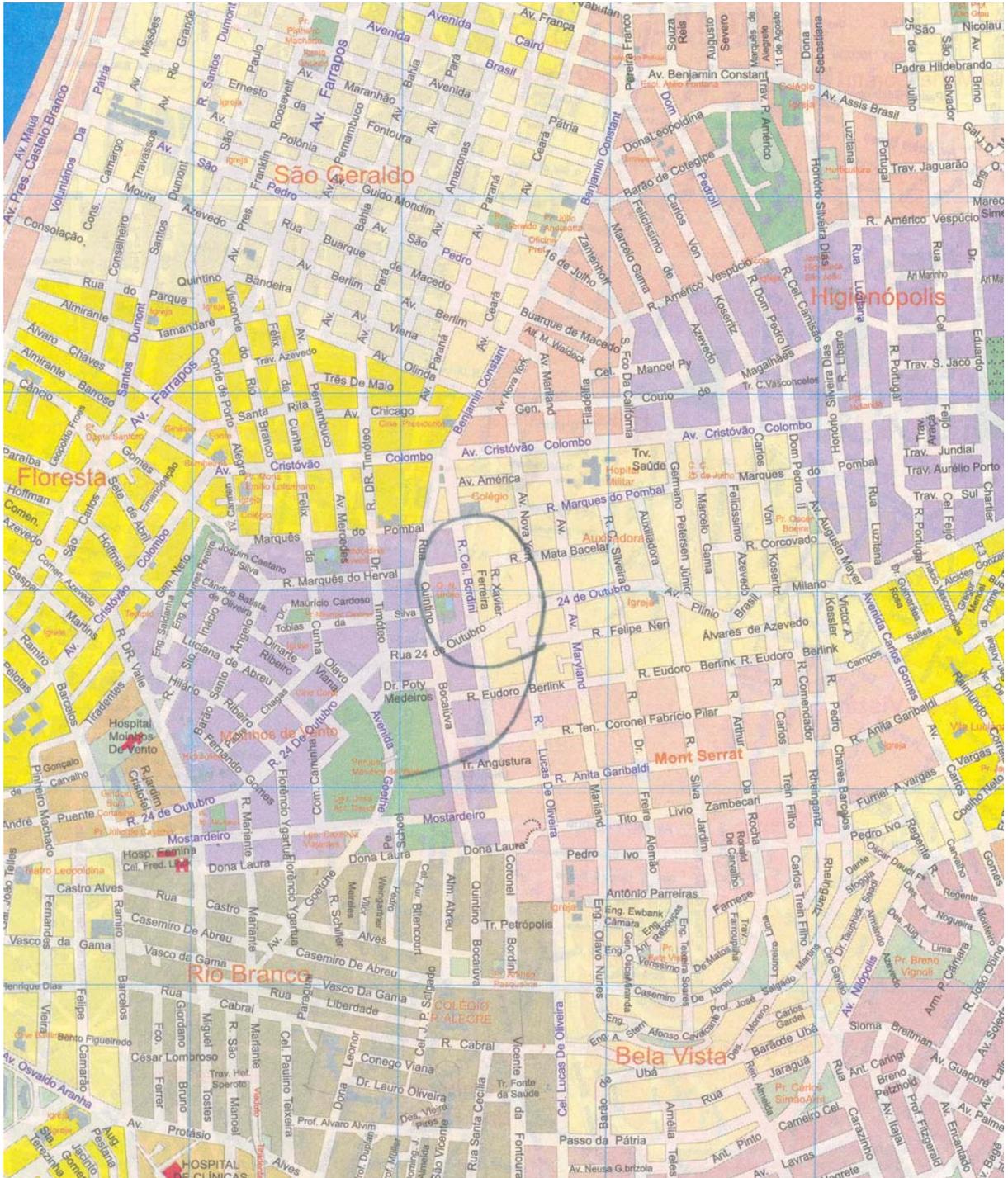
.

**Aqui, é onde o céu termina.**

Porto Alegre, 10/11/08, 10h



Porto Alegre, 25/11/08, à tarde



## **5. Considerações finais (ou inacabamento constitutivo)**

Na primeira metade do século XX, Benjamin (1994, p. 197-198) disse que eram “cada vez mais raras as pessoas que sabiam narrar devidamente. (...) era como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a capacidade de intercambiar experiências”.

Michel de Certeau, por sua vez, na segunda metade do mesmo século, relacionou o caminhar ao espaço de enunciação. Para ele, “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação para a língua” (CERTEAU, 1994, p. 177).

O que nos dizem ambos? Benjamin nos diz que a troca de experiências, (lá) no início dos anos 30, já estava comprometida. Certeau nos diz que, assim como o falar, o ato de andar pela cidade é um ato de comunicação. Estabelece-se uma relação de cumplicidade entre o caminhante e o caminhado.

Toda enunciação é um acontecimento único, singular, assim como toda experiência. Existe alguém que enuncia, alguém a quem é destinada a enunciação, um tempo e um lugar únicos que só pertence a este ato, a essas pessoas nesse exato momento de intercâmbio. Se tentarmos repetir a enunciação, assim como a experiência, num outro momento, mesmo que um segundo depois, ela já não será mais a mesma. Será outra. Será nova. Construirá outras relações, outros atritos. A enunciação é a tradução de um ato em outro código: a língua. E, por isso, é também a criação de uma nova experiência.

O trabalho apresentado ao longo dessas mais de oitenta páginas enunciou uma série de experiências vividas ao longo dos últimos meses. Seja através de andanças físicas ou literárias. Elas me mostraram que, mais do que caminhar pelas ruas da cidade e pelos detalhes dos percursos indicados, tentei reinventar o (meu) cotidiano. As caminhadas, muitas vezes, foram mote para a escrita. Mote para os dias. Em outras, foram exercícios para o corpo. Ou mesmo, táticas para pensar.

Os registros dessas caminhadas não se apresentam como meros documentos de uma ação realizada. São novas caminhadas. Não se pretendem como objetos de arte ou obras visuais, mas como literatura. Eles

contam, cada um a sua maneira, os processos vividos em cada saída. Eles documentam e reinventam os caminhos percorridos. Ao respeitarem as regras propostas, eles foram, muitas vezes, uma forma de não perder as caminhadas. Ao mesmo tempo, havia uma necessidade grande de traduzi-las, de materializá-las. Talvez para devolvê-las aos seus destinatários de origem. Talvez para guardá-las mais um pouco. Para não esquecê-las.

As caminhadas como construções poéticas mostraram-se como poéticas de resistência cotidiana. Como modos de fazer. Maneiras de viver o real estando presente. Modos de andar pelas ruas sentindo de fato a função dos pés: erguer-nos, nos deixar em pé, possibilitar o equilíbrio, permitir que o olhar desenhe a sua própria paisagem.

Nessas caminhadas inacabadas, construídas a muitos pés, o resultado não existe. Porque não se busca. O que permanece latente é o processo. A experiência dos dias. A enunciação dos passos. A disciplina dos pés. Os pés ampliam o olhar. E, à medida que nos damos conta, o lugar de chegada vai perdendo importância. Não só nos percursos compartilhados, mas nas ações cotidianas, nos trajetos diários. A caminhada vai tomando forma e ganhando espaço, e quando percebemos, já estamos tomados por esse estado de alerta caminhante. E aí, não tem volta. Nem ponto de chegada, ainda bem.

## 6. Referências Bibliográficas

- ALEIXO, Ricardo. *Máquina Zero*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2003.
- ANTELO, Raúl (Org.). *João do Rio: A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARRAIS, Joubert. Passear é preciso... ou o ato de passear como estratégia urbana de sobrevivência. *Re[do]bra* n 05\_modos de subjetivação da cidade, outubro 2008. Disponível em [http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/05\\_05\\_ensaio1.htm](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/05_05_ensaio1.htm) Arquivo capturado em 12 de dezembro de 2008.
- BASTOS, Marco Toledo de Assis. *Flâneur, blasé, zappeur: variações sobre o tema indivíduo*. Compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Brasília), v. 10, p. 1-200, 2007. Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/200/201> Arquivo capturado em 25 de novembro de 2008.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRASIL, Daniela. *(de)ambulantis ou ensaio sobre três cidades que passeiam em corpos nômades: Rio, Lisboa e Berlim*. Dobra n. 01, março 2008, Paisagens do corpo. Disponível em [http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/01\\_02\\_artigo.htm](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/01_02_artigo.htm) Arquivo capturado em 20 de maio de 2008.
- BRESCIANI, M. Stella. *A Cidade das Multidões, a cidade aterrorizada*. In: PECHMAN, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das letras, 1990.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: el andar como práctica estética = walking as na aesthetic practice*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CLARK, Lygia. *Lygia Clark. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs, v. 5 – Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- Entrevista com Margareth da Silva Pereira. *Dobra*, n.2, abril 2008, cidades imateriais. Disponível em [http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/02\\_03\\_entrevista.htm](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/02_03_entrevista.htm)  
Arquivo capturado em 20 de maio de 2008.
- GUIMARÃES, Cao. *Histórias do não-ver*. Belo Horizonte: Do autor, 2001.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Corpografias urbanas*. *Arquitextos* 093, fev. 2008. Disponível em [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg093/arg093\\_02.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg093/arg093_02.asp)  
Arquivo capturado em 25 de novembro de 2008.

\_\_\_\_\_. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. *Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade*, 2008. Disponível em <http://reverberar.wordpress.com/2008/10/12/elogia-aos-errantes-a-arte-de-se-perder-na-cidade-por-paola-berenstein-jacques/> Arquivo capturado em 25 de novembro de 2008.

\_\_\_\_\_. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. *Arquitextos* 053. Texto Especial 256, outubro de 2004. Disponível em [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq053/arq053\\_01.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq053/arq053_01.asp) Arquivo capturado em 20 de maio de 2008.

KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.

LEMINSKI, Paulo. *La vie en close*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LOPES, Kleber Jean Matos. *Modos de atenção na cidade além da conta: uma reflexão sobre lugares e não-lugares*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. v7n2, p. 14, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epp/v7n2/v7n2a14.pdf> Arquivo capturado em 25 de novembro de 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. *Os Urbanitas – Revista Digital de Antropologia Urbana*. Ano 1, vol. 1, nº 0, outubro de 2003. Disponível em <http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/urbanitas1.html> Arquivo capturado em 29 de dezembro de 2008.

MASSCHELEIN, Jan. *E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre*. Dossiê Cinema e Educação. *Revista Educação e Realidade*, v.33 n.1, Jan/Jun 2008, p. 35 a 47.

MATOS, Olgária. *O Direito à Paisagem*. In: PECHMAN, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

MORAIS, Frederico. *Chorei em Bruges: crônicas de amor à arte*. São Paulo: Avenir Editora, 1983.

MUGGIATI, Roberto. *A arte de andar*. In: Thoreau, Henry David. *Caminhando*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

NEVES, Heloísa. *O mapa [ou] um estudo sobre representações complexas*. Disponível em [http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/02\\_02\\_artigo.htm](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/02_02_artigo.htm) Arquivo capturado em 25 de novembro de 2008.

NOVAES, Adauto. *Labirintos do poeta* – resenha do livro *Cidade Vertigem*, de Afonso Henriques Neto, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha128.asp> Arquivo capturado em 05 de novembro de 2008.

PAZ, Octávio. *Marcel Duchamp ou O Castelo da Pureza*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

PECHMAN, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. *Saber do Tempo: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin*. Saber, Experiência, Comunicação. Revista Educação e Realidade, v. 31 n.2, Jul/Dez 2006, p. 61 a 78.

\_\_\_\_\_. *Transformação do olhar e compartilhamento do sentido no cinema e na educação*. Dossiê Cinema e Educação. Revista Educação e Realidade, v.33 n.1, Jan/Jun 2008, p. 169 a 179.

PIRSIG, Robert M. *Zen e a arte da manutenção de motocicletas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PREMONITOR. Livro de arte. Porto Alegre, 2003.

Revista URBÂNIA 3. São Paulo: Editora Pressa, 2008.

RODRIGUES, Rodrigo Freitas. *Nos caminhos sem fim de Paris: um encontro com Giacometti*. Revista txt – leituras transdisciplinares de telas e textos. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/atelaeotexto/revistatxt4/rodrigofreitas.htm> Arquivo capturado em 25 de novembro de 2008.

ROUSSEAU, J.J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Brasília: Ed. UNB, c1986.

SEVERO, André. *Consciência errante* (Documento AREAL 5). São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

THOREAU, Henry David. *Caminhando*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

## 7. Apêndice

### a) E-mail-convite enviado no dia 08/10/08, às 17h46, a 25 pessoas.

queridos escolhidos a dedo,

gostaria de fazer-lhes um convite.

é o seguinte: no momento, estou tentando trabalhar no projeto final da especialização que estou fazendo. minha pesquisa aborda a errância (caminhada) como construção poética. sim, parece esquisito, mas é bem querido. sei, vocês devem estar se perguntando: ok. e o que eu tenho a ver com isso? a princípio nada, mas, na verdade, tudo.

é o seguinte: este email é um email-convite; gostaria de convidá-los a me sugerirem "caminhadas" pela cidade (POA) e também fora dela. vocês podem sugerir o que bem entenderem pelo tempo e com a frequência que acharem melhor. a única obs. é que tenho que realizá-las em outubro ainda.

por que isso? porque, em novembro, quero sentar para escrever e como funciono na pressão, acho importante que uma coisa venha em seguidinha da outra.

logo, para me perder com grandeza é importante que essa ação seja pensada mais coletivamente que individual. e, além do mais, a partir do momento que contato todos vocês, perco o controle das caminhadas a fazer: são caminhadas novas. (bem)vindas de olhares outros. olhares novos.

porque, como diz o Benjamin, "não saber se orientar numa cidade, não significa muito; perder-se nela, porém, como a gente se perde numa floresta, é coisa que se deve aprender a fazer".

alguém se habilita?

guardo coordenadas geográficas.

mônica

## **b) Respostas recebidas (ou sugestões de caminhadas)**

### **1ª resposta – 08/10/08**

(...) te respondo de pronto porque sou um cara bem errante em caminhadas pela cidade.

Eu moro na Henrique Dias, então é meu ponto de partida pra tudo. as coisas sempre começam aqui pra mim. os caminhos que escolho pras minhas caminhadas sempre vão em direção ao centro. o centro da cidade e o Guaíba me chamam. eu tenho uma relação muito afetuosa com a cidade, sou meio apaixonado por Porto Alegre, sem gauchismo, sem aquela coisa de bombachudo. é a cidade mesmo, o lugar, a luz, o vento nas ruas, os cheiros, os ruídos que me atraem. Bom, meu trajeto para caminhadas de reflexão, sem motivo outro que arejar a cuca, vai pela Henrique até a João Telles, onde dobro à direita e vou em direção à Vasco. Sigo a Vasco da Gama até o colégio Rosário, ali eu desço à esquerda pelo pátio em frente ao ginásio e sigo por um caminho que passa entre os túneis. é uma calçadinha, um trilho bem estreito que leva a uma pracinha em frente a Faculdade Católica de Medicina (FFFCM ou algo assim). dali eu atravesso a rua que sai do túnel (o que vem da rodoviária) e sigo pela rua da Faculdade de Engenharia (que eu não sei o nome). Vou até a Praça Argentina e subo até a Duque de Caxias. caminho em direção a Praça da Matriz. A Duque é uma das minhas ruas preferidas, tem um barzinho depois que passa do viaduto da Santa Casa que me parece muito simpático. O outro viaduto, o viaduto da Duque, é um dos lugares mais lindos de Poa na minha opinião. No inverno o vento vem fazendo curva lá de baixo, do Rio. No verão, no começo da noite, com as luzes dos prédios e os faróis dos carros engarrafados a cidade parece mais viva do que nunca. nunca tenho um trajeto fixo, mas gosto de seguir pela Duque até a Praça do Alto da Bronze. Ali ou eu dobro à direita e desço até a Rua Da Praia, ou eu retorno pela Duque mesmo. Ela é linda nos dois sentidos. Se eu volto pela Rua da Praia, vou até a Praça Dom Feliciano, sigo pela Independência até a Fernandes Vieira onde dobro à direita e desço até a Henrique Dias. Esse trajeto me conforta porque sempre tem uma casinha velha que eu não tinha percebido antes, ou um boteco com um charme de bairro, ou mesmo o barulho infernal dos carros na

rua que não me deixam fazer outra coisa que não seja escutar o próprio pensamento.

Sugiro esse trajeto, mas tenho outros se tu quiseres (...) bom, acho que falei mais sobre minhas impressões do que sugeri... qualquer coisa, dá um grito (...)

### **2ª resposta – 08/10/08**

Bahhh, adoro essa frase do Benjamin. Lá perto de onde eu morava, na Floresta/Moinhos, tinha umas ruas lindas e arborizadas. A minha sugestão é começar na Bordini com a Marquês do Pombal, andar pela Marquês do Pombal até a Félix da Cunha, subir ela e andar pela praça da Félix, tomar um café no botequim das letras e se embrenhar pelas ruelas do bairro andando em direção ao centro. Aí, lá pelas tantas sair pela 24 e andar pela Praça do Dmae, que é linda. Se sobrar fôlego caminhar pela Independência até o centro e ver o Pôr do Sol na Usina.

A minha sugestão é que essa caminhada seja feita uma vez só, numa tarde de sol. De preferência numa quinta ou sexta, que são meus dias preferidos.

### **3ª resposta – 08/10/08**

uma caminhada que me ocorreu é sair andando, primeiro sem nenhuma direção específica, aleatoriamente mesmo, e seguir a primeira pessoa de amarelo que tu encontrar (ou criar uma outra regra que guie a "perseguição"), até que tu aviste outra e passe e segui-la e outra e outra e outra e assim por diante. até te perder completamente! ou te achar, vai saber...

### **4ª resposta – 08/10/08**

como fiquei feliz com este teu email!

como é bom quando a gente pode pensar, pensar, pensar e construir algo nosso.

algo que nos alimente, que nos impulse a experiências e reflexões.

da minha parte, o que posso propor é uma coisa que sempre me encantou e não sei bem se encaixaria no teu projeto. se as possibilidades de errância forem somente caminhadas, não daria. seriam diferentes trajetos de ônibus da

cidade. sentar e ir, percorrer a cidade com olhos, ora apressados, ora despreocupados, observar as pessoas. aquelas que sempre pegam aquela linha, as que não sabem em qual parada descer. a possibilidade de descer em qualquer ponto e percorrer outros caminhos, mudar o trajeto.

provavelmente, vais querer um trajeto específico, uma linha.

eu recomendo uma circular, tipo C2 ou C3, que não passam por grandes avenidas, nem corredores de ônibus.

se a questão for realmente CAMINHAR, sugiro fazer o percurso a pé. acabar onde se começou. passar do ponto, re-percorrer trechos do percurso. abrem-se muitas possibilidades. inclusive de emendar com outras trajetórias propostas. com outras linhas. esse percurso como um meio para outro, como é o ônibus.

#### **5ª resposta – 09/10/08**

como crítica colaborativa, ironicamente é claro, eu vi um quadrinho que o cara reclamava que as mulheres precisam caminhar para pensar.

essa é a minha realidade, total vou desenhar um percurso, apesar de não saber como seria a errância-dirigida a outrem

a errância não seria mudar de percurso, certo? seguir o desejo repentino??  
pode ser resultado de um andada já desejada?

#### **6ª resposta – 09/10/08**

que legal!!

fiquei com algumas dúvidas:

- a idéia é que a gente vá contigo ou não? Adoraria! mas estou com o tempo meio curto, então dependendo do que, não daria...

- se for pra ir junto contigo, qual é a idéia? perder-se junto contigo ou atuar (pelo menos até certo ponto) como "guias"? (tipo, é pra indicar lugares que já conhecemos, ou lugares que não conhecemos mas achamos que podem ser interessantes?)

Talvez surjam novas propostas, mas de cara lembrei de três. Lembrei de lugares que conheço em parte:

- bairro petrópolis. acho ele lindo, é cheio de árvores, e no meio de prédios há sempre CASAS (coisa rara pra esse lado de POA, acho). E casas muito bonitas. Imagino que talvez haja algo parecido em Auxiliadora.

- extremo sul da cidade - acho que é Belém Novo. Tem uma orla lá, bem bonita, e o lugar lembra Florianópolis!! É que quase na beira da estrada (que é paralela à orla) é o pé de um tipo de "morro". E aí as casas são que nem em Floripa: elas vão escalando esse "morro", tendo portanto váááários níveis. Lindo pra pôr-do-sol.

- cidade de Triunfo: cheguei nessa cidadezinha por ocasião de umas entrevistas que tinha que fazer pra uma pesquisa na qual estava trabalhando. E me encantei!!! Ela tem um centro histórico que é uma graça, lindinho, lindinho. E pra fora desse centro histórico muda completamente, o que tb é interessante de se ver. Inclusive pq, dependendo do lado que a gente chega no centro, tem uma transição que é muito surpreendente (pelo menos foi pra mim, que não sabia do centro histórico). É meio mágico: você sobe uma escadariazinha, e de repente sumiu a cidade do interior normal e apareceu uma cidade de... acho que 1900, a maioria dos prédios. E, não fiz, mas tem uma balsa ou barco que leva para outra cidade que fica na frente (agora não tenho certeza, mas acho que São Jerônimo... algo com S). É um trajeto que muitos fazem diariamente, pq Triunfo é um município muito rico (tem o Pólo Petroquímico lá), então parece q tem bastante gente que mora nessa outra cidade e atravessa todo dia pra Triunfo. Algo do tipo. E, pra somar camadas de significado na história, Triunfo tem alguma participação na história Farroupilha (não sei se foi uma das capitais farroupilhas, ou se é a cidade natal de um dos heróis...). E a gente encontra marcas disso tb pela cidadezinha ("cidadezinha" pelo centro, porque na verdade o município é bem grande, e tem vários distritos).

Veja as outras sugestões que com certeza vão chover pra ti! E qualquer coisa, me avisa. Se a idéia é que o proponente acompanhe, eu adoraria! só tem q ver se conseguimos coordenar. Bons passeios!!!!

**7ª resposta – 09/10/08**

que trabalho divertido

se fossemos bem ricos adoraria fazer o trajeto praça da sé vale do anhangabaú, em são paulo, contigo. é um dos meus preferidos no mundo e pude fazer poucas vezes. eu estou em poa a partir do dia 16, mas fico meio confusa de marcar algo com esta distância de tempo. podemos tentar na tua manhã livre de sexta, dia 17 (...)

**8ª resposta – 09/10/08**

vamos lá!

eu adorei teu pocket poetic ou poetic pocket e pensei em te convidar para um café de primavera como um dos pontos da caminhada.

pero...

a tua idéia é que a gente sugira percursos?

ou posso percorrer um dos pontos do teu percurso?

coisa "loca" oba!

**9ª resposta – 13/10/08**

Eu quero andar também!

Tô na chapada diamantina e por aqui internet é quase um luxo.

De qualquer maneira te mando algo até o fim da semana.

**10ª resposta – 15/10/08**

evadir-se de si mesmo...

mônica,  
percebi que estás numa exploração,  
com novos olhares,  
pelos mesmos lugares,  
e também,

por novos lugares...

...nos lugares que terás um primeiro encontro a deriva torna-se mais fácil, pois estará com o 'olhar estrangeiro' necessário para diferentes percepções além do convencional. o desafio é de realmente conseguir perceber além do habitual lugares conhecidos.

para tanto é preciso suscitar novos sentidos, o que pode ser feito literalmente. por exemplo, já andaste de olhos fechados na praça ao lado do santander que já passaste tantas vezes? obviamente necessitará de um apoio, melhor dizendo um guia para não estatelar-se sozinha :- /

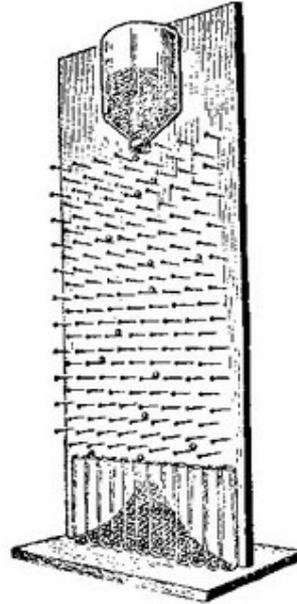
assim não terá controle do 'passeio' e estará sendo levada pelos olhos de seu companheiro que incitará os seus outros sentidos. pronto, já perdeste o controle e girará de seu 'olhar viciado' deste ambiente familiar...

que cheiros tem nesse local?  
de onde vem o vento?  
e o sol, consigo sentir?  
está nublado?  
como percebo a luz?  
onde é mais claro?  
o que estou escutando?  
e assim por diante...

ao final do passeio faça um mapa mental de onde acha que andou, situe o percurso de acordo com suas memórias para só então confrontar com a informação de seu 'auxiliar' ... seria interessante agora nesse período de feira do livro fazer a experiência antes e durante o evento... siiimmm, no meio dessa 'muvuca' toda... outra técnica interessante, é a 'psicogeografia'. resumidamente "*é um método investigativo desenvolvido pela vanguarda antiarte situacionista, que explora as descobertas, encontros e reações produzidas pela deriva pela cidade e performances em lugares públicos*". parece encaixar-se bem nas suas 'errâncias poéticas' que inclusive, não achei nada estranho o tema como falaste, muito pelo contrário, faz todo sentido. quem nunca perambulou pela cidade que atire a primeira pedra ;-)

mas não perdendo o contexto, a 'psicogeografia' aparece como um 'sentimento geográfico', com isso a técnica fica um pouco de lado e os levantamentos são feitos com 'sentimentos' ocorre então uma re-interpretação de lugares, sendo inclusive possível de deslocá-los de sua própria história, pois a sua vivência confere a esse espaço vida própria. uma bela experiência disso são as técnicas propostas por *debord*, membro da institucional situacionista e principal articulador.

logo abaixo, a figura mostra um aparelho indicador de caminhos da deriva. Baseado nisso você pode estabelecer trajetos aleatoriamente através de táticas préestabelecidas. aqui é com bolinhas e a curva de gauss, mas você pode também utilizar um vidro sobre um mapa e um martelo sendo que as rachaduras são seu percurso ( alguma semelhança com o *macchi* não é mera coincidência).



Aparelho indicador de caminhos da deriva. Este aparelho permite o traçado automático da curva de Gauss (posição das bolas na chegada). Os problemas artísticos da deriva situam-se no nível dos trajetos relativamente imprevisíveis de cada bola

uma técnica simples é a de olhos vendados estabelecer um trajeto sobre um mapa e em seguida ir percorrê-lo. É importante que quando sua linha 'subir um prédio' por exemplo que você tente entrar nesse local e ver a vista lá de cima, enfim respeite seu trajeto e seja criativa para realizá-lo com os seus obtáculos e não mais em percursos livres. enfim, mais do que coordenadas geográficas te trouxe opções de manipular teu universo tangível. espero ter conseguido contribuir para tão importante prática, a 'errância como construção poética', pois a busca do processo criativo é uma constante e a deriva parece conseguir 'oxigenar' esse desafio de ser original 'regularmente'...

'inté'... bjGR

### **11ª – resposta – 16/10/08**

Como Porto Alegre é uma cidade contraditória, o meu trajeto vai se dar numa Porto Alegre expandida. Expandida e devidamente adjetivada: grande! Porque, afinal de contas, é da natureza do povo. Ele começa em frente ao mercado público, na estação do Trensurb que leva o seu nome. Bilhete na mão, adentra-se o trem. Na linha única do metrô provinciano, a parada deve ocorrer no ponto final, já na cidade de São Leopoldo. A idéia é percorrer a a linha de cabo a rabo. Durante o percurso, o trem pode servir a duas funções: sala de leitura ou observatório ambulante. Ao descer do trem e cruzar a roleta, deve-se tomar a direita em direção a rua São Caetano ou Lindolfo Collor (não tenho certeza,

mas tanto faz). Cinco quadras a pé e chega-se na rua 1º de Março. Lá, no número 777, há um sebo chamado Só Ler em que, com um pouco de paciência e sorte, encontra-se pérolas da literatura universal a preços realmente módicos. Como o sebo não aceita cartão e um viajante prevenido só anda com trocados, será necessário se dirigir até o Banco do Brasil localizado na avenida Independência (399) esquina com Osvaldo Aranha. A avenida Independência é paralela a 1º de Março e o mais indicado é dirigir-se a ela pela Lindolfo Collor e por ela seguir até a casa bancária. Com o dinheiro no bolso, pode-se voltar pela mesma avenida até a rua Presidente Roosevelt. Ali, pode-se tomar a direita até a rua Bento Gonçalves onde, na esquina, há um simpático sebo no qual não se gasta muito tempo e/ou dinheiro. Deste sebo até o anterior o trajeto é bastante rápido, basta retornar à avenida 1º de Março e caminhar alguns metros. Realizada a compra, o caminhante deve seguir pela rua 1º de Março até a rua Brasil (ou Dom João Becker) onde há, entre esta avenida e a avenida Independência, uma lancheria chamada Giga Pastéis (algo assim). Devidamente alimentado e informado, uma boa lancheria tem sempre um jornal local disponível, o caminhante pode seguir os seus próprios caminhos. Uma boa dica é voltar para a avenida Independência e tomar um café no Senadinho. Outra possibilidade é procurar o centro cultural recém inaugurado na cidade que, infelizmente, este condutor desconhece. Feito isso e é possível retornar a estação do Trensurb para tomar o trem da volta. Feliz e contente, um chopinho no naval, entre páginas viradas, não seria nada mal!!



### **12ª resposta – 24/10/08**

Tenho que te contar.

Sonhei que fizemos uma caminhada juntas! No meio da noite acordei num susto e me dei conta do que havia acontecido. Isto foi na noite de terça para quarta e ontem (...) voltei a lembrar e pensei, vou escrever para a Mônica.

As coordenadas: o ponto de partida foi a esquina da Av. Osvaldo Aranha com a Sto. Antônio; subimos a última e dobramos a direita na Independência, na verdade existia uma regra a seguir: andar duas quadras e dobrar a direita, seguir duas quadras e dobrar a esquerda. Mas não era tão simples assim não, porque me lembro que a gente seguia o caminho com apetrechos/instrumentos de medição. Agente media se a esquina tinha 90º graus, porque a gente só podia dobrar se a curva tinha este ângulo. Lembro de nós duas medindo a esquina da Independência com Sto. Antonio. O ponto de chegada foi o fim do sonho.

### **13ª resposta – 24/10/08**

Largo da Epatur.

Ônibus.

Subir até o lugar mais alto e tranqüilo.

Deitar-se confortavelmente.

Só o céu lhe interessa.

Percurso óbvio, mas pelas nuvens.

Percurso completo.

No ponto final, sentar-se.

Respirar.

Sentir uma brisa qualquer.

Escrever.

### **14ª resposta – 25/10/08**

sei que tô totalmente atrasada na resposta e nem posso culpar o horário de verão por isso. se bem que o verão tá muito mais atrasado do que eu... e nem

vou falar da primavera porque não sou faço uso da frase "só pra não dizer que não falei de flores".

seja como for, li teu mail, mas assim que li, resolvi pensar um pouco e, por mais rápido que eu tenha pensado, o meu desktop parou de funcionar e no meu laptop só tinha a internet wireless but useless da vizinhança pouco solidária e generosa do meu edifício. com muito sinal e muita senha, não consegui mais acessar meus mails diariamente fui respondendo só as urgências e e-mails lacônicos. assim, deixei essa lacuna de tempo entre tua proposta e a minha resposta. fato é que só terminei a batalha com a tecnologia do mundo virtual e dos laptops x brasil telecom com suas atendentes no eterno gerúndio x meu status leigo e analógico de pessoa que adora borboletas anteontem.

e agora lembrei de te escrever o que pensei a respeito das caminhadas /errâncias. se não for útil pra pesquisa, pelo menos vale como um olá!

a sugestão seria de fazeres um mesmo trajeto, a princípio conhecido e até curto, de caminhada, porém te privando de algum dos teus sentidos de cada vez. uma vez vendada com alguém te guiando, ou com uma daquelas varetinhas, uma vez com tampões de ouvido, outra de nariz entupido, sei lá, outra com sapatos muito fofos com pouco contato com o solo, enfim... ou o contrário. procurar explorar só a visão, só a audição, de cada vez. não sei se é válido como proposta, nem se é muito difícil de executar. mas já que pensei, escrevi. porque "penso, logo insisto"!

### **15ª resposta – 25/10/08**

(...) peço mil desculpas, mas não tive tempo de parar pra pensar num trajeto. como tá isso? ainda dá tempo de mandar um? quero muito participar do teu projeto!

**16ª resposta – 27/10/08** (mensagem de texto - celular)

Há anos penso nesse recorte. Não defini um percurso, mas confio no teu desenho sobre o mapa. França, Ceará, Madri, Paraná, Brasil, Amazonas, Pará, Bahia, Maranhão, Polônia, Berlim, Viena. Sugiro que a intenção seja chegar na Pernambuco pra acabar na Olinda. Tomara que em tempo. Beijo ansioso no olhar. Saudade.

**17ª resposta – 28/10/08**

Tá em casa? Ta, então desce as escadas, vira na primeira rua a direita. Vai até o fim. Dobra a esquerda. Em frente ao Carlitos tem um kit especial te esperando.

**18ª resposta – 14/11/2008**

Caminhada “Meu Primeiro Amor”

1ª parada: Desde sua casa vá a pé ou de ônibus até a Praça Dom Sebastião, em frente ao colégio Rosário. Ali, sente-se em um banco vago sozinha. Fique sentada alguns minutos. Observe sua volta e os demais usuários dessa praça.

2ª parada: Caminhe até o Shopping Rua da Praia. No shopping passeie nos corredores sem se deter em nenhuma vitrine ou loja, logo, sente-se em um banco vago e ali permaneça durante uns minutos.

3ª parada: Compre um sorvete no MacDonalld's ou saia do shopping e vá até a Feira da Fruta tomar um suco.

4ª última parada: Caminhe até o Terminal de ônibus Rui Barbosa (localizado entre a Voluntários da Pátria e a Júlio de Castilhos) e encontre a parada do ônibus Sogil que vai direto a Gravataí. Permaneça na fila até sair o próximo ônibus. Depois volte pra sua casa. (Nesse momento nos despedíamos e eu voltava pra casa no ônibus Santana.)

Eu tinha 14 anos e nos encontrávamos uma vez por semana. O trajeto era

quase sempre o mesmo. As variações começaram quando eu tinha 15 anos e passei a pegar o ônibus pra Gravataí junto com ele...depois disso viramos "adultos"!

Recomendo que enquanto tu estejas realizando esse caminho, pense no teu primeiro amor e nas trocas que vocês faziam durante os encontros.

Beijos!

**19ª resposta – 17/11/2008**

1) escolha um número entre 0 e 9;

2) digite o número escolhido em um documento de texto, centralizando-o na folha em fonte times new roman tamanho 200. Imprima em uma folha transparente, ou em uma folha branca (mas neste caso terá que contar com a ajuda de uma folha de papel carbono);

3) pegue um guia telefônico de porto alegre que contenha o mapa da cidade entre as primeiras páginas;

4) escolha ao acaso uma das páginas do guia com o mapa da cidade - na verdade, acho melhor escolher uma das páginas entre as regiões centrais, não quero te ver perdida num morro por aí;

5) após escolhida a página com a região da cidade - ao acaso! - sobreponha a folha com o número impresso desenhando sobre ele a fim de traçar o número sobre o mapa;

6) aí está, este é o seu percurso!

7) vou adorar receber um relato da experiência!

bom passeio!